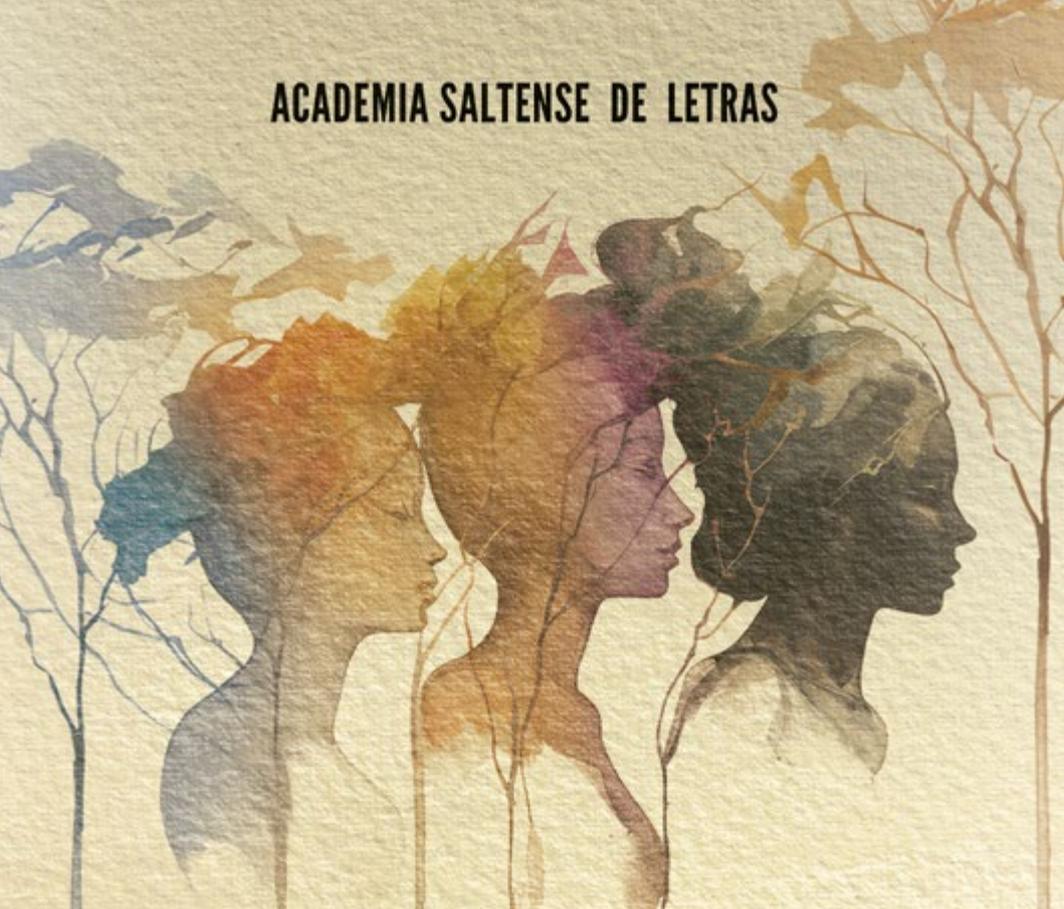


ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS



ELAS

**TRAJETÓRIAS FEMININAS DE CORAGEM,
RESILIÊNCIA E INSPIRAÇÃO**

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS



ELAS

**TRAJETÓRIAS FEMININAS DE CORAGEM,
RESILIÊNCIA E INSPIRAÇÃO**



mirarte

2024

© Academia Saltense de Letras, 2024

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Produção editorial
Rose Ferrari

Coordenação
Anna Osta

Capa
Beto Padreca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elas : trajetórias femininas de coragem,
resiliência e inspiração / Academia Saltense
de Letras [coordenação Anna Osta].
-- Salto, SP : Editora Mirarte, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-85-64005-28-0

1. Mulheres empresárias 2. Mulheres executivas
3. Mulheres - Biografia 4. Mulheres - Conduta de
vida 5. Mulheres - Depoimentos 6. Mulheres -
Histórias de vida 7. Superação I. Osta, Anna.

24-229856

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : História de vida : Biografia 920.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



www.editoramirarte.com.br



editoramirarte



mirartemkt

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Prefácio	9
Décio Zanirato Jr.	
50 primaveras de inspiração	13
Antonio Carlos Valini	
A alma santa de Chambéry.....	19
Lázaro José Piunti	
A grandeza discreta.....	25
Marilena Matiuzzi	
A mulher do cartório.....	31
Cynara Lenzi Veronezi	
A Serva de Deus.....	37
João Carlos Milioni	
A última ligação.....	43
Marco Rafael Leite Ribeiro	
Aniversário	49
Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia	
Coração materno.....	55
Mércia Falcini	
Dona Lola	61
Katia Auvray	
Ensinos e aprendizados	69
João Marcos Andrietta	
Entre espinhos e rosas	77
Valter Berlofa Lucas	

Gratidão ainda que tardia	83
Francisco Carlos Garcia	
Heroína do cotidiano	89
Toni Tordivelli	
Irmã Dulce, a primeira santa brasileira	95
Antônio Oirmes Ferrari	
Mãos de fada	103
Anna Osta	
Maria: Senhora Soberana	111
André Palhardi	
Memória futurista	117
Jean-Frédéric Pluvinage	
Memórias da solidariedade em Salto	125
Francisco Antonio Moschini	
O filho da mulher do cinema	131
Eloy de Oliveira	
Ode da paixão por Pepita	143
Alberto Manavello	
Onde comem 10 comem 16	151
Maria Christina Noronha Liberalesso	
Receita para uma vida doce	159
Raquel Ferraro	
Uma jornada de fé e caridade	165
Augusto Gasparini Filho	
Vida sem correntes	171
Rose Ferrari	

APRESENTAÇÃO

Assumir a presidência da Academia Saltense de Letras neste biênio tem sido uma experiência desafiadora e significativa. Esta coletânea, que homenageia a mulher em todas as suas facetas, por exemplo, reflete a importância de nos voltarmos para vozes femininas cujas histórias e trajetórias, muitas vezes invisibilizadas, compõem o tecido da nossa sociedade.

O papel da mulher na história e na cultura ainda enfrenta resistência e incompreensão. Homens, e até mulheres, moldados por visões tradicionais, frequentemente encontram dificuldade para compreender plenamente essa causa. Tais visões podem se apresentar de forma sutil em textos ou falas, evidenciando que muitos ainda se sentem provocados em suas percepções habituais. Isso não nasce de má-fé, mas de uma formação que, ao longo do tempo, perpetuou estruturas que hoje buscamos transformar.

É justamente no diálogo e na abertura para novas leituras que reside o poder da literatura. Desse modo a presente coletânea oferece uma oportunidade singular para que todos nós, acadêmicos e leitores, possamos refletir sobre as transformações necessárias para uma sociedade mais inclusiva e justa. As vozes femininas aqui presentes ecoam com força, iluminando caminhos que, muitas vezes, nos escapam à primeira vista.

Com profunda admiração e respeito, dedico este livro a todas as mulheres que, com suas palavras, ações e lu-

tas, rompem as barreiras de uma sociedade que, por muito tempo, tentou silenciá-las. São elas que, com a força de suas convicções e a determinação de suas causas — inclusive a feminista —, não apenas transformam suas próprias realidades, mas moldam o mundo de maneira poderosa e irreversível, deixando marcas profundas na história e no futuro.

Marilena Matiuzzi
Presidente da
Academia Saltense de Letras

PREFÁCIO

Esta coletânea é um tributo às mulheres. Não como manifestação de um feminismo exaltado que as vê, preferencialmente, como gênero em luta contra uma sociedade iníqua e discriminatória, mas como expressão de suas virtudes e de seus esforços, os quais, por justiça, devem ser reconhecidos.

Camille Paglia, acadêmica, escritora, iconoclasta e feminista, critica o chamado neofeminismo e, em contrapartida, elogia o valor de muitas mulheres das primeiras décadas do século passado, elas sim autênticas feministas, por conseguirem expressivas conquistas em ambientes adversos e até hostis. Defende o feminismo de mulheres que não se fazem de vítimas e, fundadas em sua natureza feminina, fortes e afirmativas, abrem espaços próprios, adequados e realistas na sociedade. Como ilustração, cabe aqui um metafórico miniconto:

*Sob sol inclemente caminha uma mulher.
Escasso é o abrigo da sombra. Não se desvia, não desiste, continua. Tem um caminho a trilhar e um lugar a chegar.
Natural sacrifício de um ser natural.*

Com recordações críticas ou nostálgicas, lembrados são os tempos em que mulheres e homens tinham papéis sociais distintos e bem definidos. As mulheres cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos e os homens saíam

para trabalhar e prover as necessidades da família ou as suas próprias. Os códigos morais e os costumes eram severos com as mulheres, cerceadas por inúmeras restrições e impedimentos, e permissivos com os homens, que, guardados alguns limites, tudo podiam. Com a evolução gradual dos valores e das práticas civilizatórias, os papéis sociais e os padrões de moralidade começam a entrelaçar-se, tornando mais igualitárias suas condições. No longo trajeto, desde eras mais antigas até os dias atuais, muitas mulheres têm revelado atributos distintivos e desempenhos inspiradores. São pessoas excepcionais e valorosas, dignas de admiração, como exemplos a serem seguidos.

A existência de mulheres inspiradoras pressupõe a de mulheres e homens por elas inspirados. Com percepção e sensibilidade, alguns inspiram-se com o reconhecimento dos méritos daquelas que se destacam em atuações relevantes e dignas de nota. Outros podem inspirar-se em mulheres comuns, nas quais identificam qualidades a serem imitadas. Há também outros que, apesar de reconhecerem atributos em determinadas mulheres, preferem inspirar-se neles mesmos, buscando, internamente, forças e motivações para seu aprimoramento.

O comportamento das mulheres ao longo do tempo e a maneira de julgá-lo são condicionados por fatores históricos, geográficos e, sobretudo, culturais. Daí ser importante considerar quão amplo, diverso e volátil é o universo feminino. Oportuna é a lembrança da figura pública e heroica da grande mulher que foi Joana D'Arc, camponesa francesa nascida em 1412 e morta em 1431, aos 19 anos de idade. Na Guerra dos Cem Anos, liderou tropas da França e com elas conquistou significativas vitórias. Capturada pelos ingleses, seus adversários, foi julgada pela Inquisição por bruxaria e, em verdade não oficial, por ser mulher que

se impunha misticamente num ambiente exclusivamente masculino. Condenada à fogueira, morreu queimada, temida e insultada pelos ingleses e seus aliados. Os franceses a reverenciavam, e até hoje o fazem, como heroína. Em 1920 foi canonizada pelo Papa Bento XV. Como juízo dela mesma, sem confirmação, consta que teria dito: “Não existe ninguém igual a mim. Deus me fez única”.

Realidades diferentes mostram mulheres divididas em suas reações. É o que atualmente acontece em localidades dominadas por radicais islâmicos – Estado Islâmico, Talibã e outras teocracias – e por governos autoritários e conservadores nos costumes. Neste caso, as mulheres sofrem os mais variados tipos de discriminação e cerceamento, mas reagem a eles de formas desiguais e frequentemente opostas. Existem as que, reprimidas pelo regime opressor, rebelam-se, como manifestantes e ativistas, e são duramente punidas com execração pública, privação de liberdade e torturas. Outras, surpreendentemente, subjugadas pelo mesmo regime, apesar das imposições dos rígidos costumes e de um machismo sufocante, resignadas ou convictas, o defendem. Ainda que tratadas como seres inferiores, sob o manto de costumes retrógrados e sedimentados, aceitam sua condição como natural. Em contraposição, em culturas mais abertas e liberais, apesar de suas deficiências, vive a maioria das mulheres comuns, ilustradas ou não, visíveis ou anônimas, nas quais as pessoas podem identificar caracteres distintivos e inspiradores.

Quando nos referimos a mulheres inspiradoras, tem-se quase sempre em mente aquelas figuras dotadas de aptidões superiores e protagonistas de grandes feitos, reverenciadas como mitos e colocadas num pedestal. Nesse caso só resta admirar e cortejar as já sobejamente admiradas e cortejadas, num exercício redundante, artificial e inau-

têntico. É a louvação reiterada de personalidades públicas sobre as quais pouco realmente se conhece. Não foi esse o propósito da Academia Saltense de Letras para esta coletânea. Em sua percepção, algumas mulheres, vivas ou mortas, destacam-se como referência, por superarem as limitações de sua realidade ou pelo seu caráter marcante e peculiar, em áreas e modos tão diversos como fé, superação, empreendedorismo, ação social, educação, ativismo e literatura. Nessa perspectiva, as homenageadas consideradas são mulheres mais ou menos próximas, várias delas do cotidiano dos autores que as escolheram. Outras são mais distantes, mas parecem presentes, quase palpáveis. Todas significativas e relevantes para quem escreve com doses de condescendência, emoção e afetividade.

É uma quase ode ao significado e à memória dessas inspiradoras, cujos inspirados, sensíveis e criativos, são as escritoras e escritores desta coletânea.

Décio Zanirato Jr.
Titular da Cadeira Acadêmica nº 22
Patrono – Fernando Pessoa

50 PRIMAVERAS DE INSPIRAÇÃO

Antonio Carlos Valini

*Toda flor só consegue florescer quando aceita
que o vento lhe traga notícias, que o sol ilumine
seu viver, que a água limpe suas tristezas, a
Terra abrace seus receios e os seres ao seu redor
acreditem na sua vida. Aceite a vida, interaja com
ela e deixe seu coração florescer também.*

Maurício Veneroso

Aquele que é tocado pela beleza das flores compreende que é preciso respeitar o tempo. Há o tempo de semear, o tempo de cultivar, o tempo de esperar, o tempo de colher... O florescer não se apressa, ele respeita o tempo necessário para o desabrochar.

Era uma manhã ensolarada de agosto em 1974, quando as portas da Flox Floricultura se abriram pela primeira vez, marcando o início de uma jornada que traria beleza e alegria para a vida de muitas pessoas. O nome “Flox” não foi escolhido ao acaso; refere-se a uma flor vibrante e cheia de vida, assim como a visão de sua fundadora, Elizabeth Navarro Ricomini, conhecida por todos como Betinha. Hoje, meio século depois, a Flox Floricultura celebra 50 anos de história, marcados pela dedicação, trabalho árduo e, acima de tudo, um profundo amor pelas flores.

Mulher inspiradora delicada, empresária bem-sucedida, Elizabeth Navarro Ricomini transformou sua vida e a de muitos ao seu redor em uma paixão pelas flores. Desde pequena, Betinha sentia uma conexão especial com as plantas. Seus pais, Alzira Natividade Dalla Vecchia Navarro e João Navarro Filho, tinham o hábito de cultivar diversas plantas em casa. Sua primeira experiência veio com o seu pai. Ele sempre a apoiou e a incentivou, sendo o verdadeiro influenciador dessa paixão que ela cultiva até hoje.

A abertura da Flox Floricultura foi um marco não apenas para a Beth, mas para toda a comunidade de Salto, em uma época em que a cidade não contava com nenhuma floricultura. Diante dessa oportunidade vislumbrada, resolveu arriscar e se surpreendeu. Sem cursos especializados disponíveis e muito menos a facilidade da internet, ela aprendeu a respeitar o tempo, observando e experimentando. À base de tentativas e erros, frequentou uma loja em Campinas, atentando-se a todos os detalhes, cultivando informações e habilidades, já que em Salto não havia nenhuma. Coragem, paciência e determinação são as características que definem sua trajetória.

Em 1972 Elizabeth Navarro se casa com José Carlos Ricomini. Em 1 de agosto de 1974 a Flox abriu as portas em uma pequena garagem na rua Dr. Barros Júnior. Em 1975 nasce a filha do casal, Giuliana Ricomini Alves. Em 1 de março de 1978 passou para outra garagem na Prudente de Moraes. Beth e sua cunhada se revezavam no atendimento. Ela dividia o tempo entre a floricultura e a pré-escola onde lecionava como professora. Começou com o básico: buquês e coroas. As pessoas logo se encantaram e passaram a querer flores em casa e arranjos para presentear. O amor pelo que fazia, sua delicadeza, sua sutileza e a qualidade da sua dedicação rapidamente conquistaram as pessoas,

ELIZABETH NAVARRO RICOMINI



estabelecendo a Flox como uma referência no seu devido tempo.

A trajetória de Beth é uma história de perseverança, perfume e paixão. Cada nova fase foi marcada por muita dedicação e trabalho. Em 24 de julho de 1985, a floricultura mudou-se para a rua Nove de Julho, onde permanece até hoje. Cada expansão foi um passo firme, sempre guiado pelo amor e pelo desejo de trazer a alegria para as pessoas. Hoje, a Flox é sinônimo de qualidade, perfume e inovação, mantendo-se atualizada com as tendências e necessidades do mercado, sempre alicerçada em sua essência.

O legado de Elizabeth Navarro Ricomini vai muito além do sucesso empresarial. Sua história é uma fonte de inspiração para todos que a conhecem. Beth é uma mulher que, com coragem e determinação, transformou sua paixão em um negócio próspero, sem nunca perder de vista o ciclo natural da vida, o valor humano e o amor pelo que faz. Apesar da sua paixão pelas flores, nunca imaginou que elas se tornariam a sua marca, a sua vida. E foi essa paixão que a guiou por todos esses anos, tornando-a uma figura admirada e respeitada.

A Flox Floricultura é mais do que uma loja; é um símbolo que nos revela que o respeito a todas as etapas de um empreendimento o faz desabrochar. A equipe que acompanha a Betinha ao longo desses anos é composta por pessoas leais e apaixonadas, que criam memórias e emoções. Solange, Suelen, Carlos, Juvenildo e Lolita são nomes que fazem parte dessa família. Gratidão é outra marca da Beth, que sempre teve sorte em encontrar pessoas maravilhosas que vestem a camisa e estão sempre prontas para qualquer desafio.

Ao longo de 50 anos, a Flox Floricultura participou de

momentos importantes na vida de muitas famílias. Casamentos, aniversários, formaturas e eventos foram adornados com as flores e arranjos da Flox, sempre preparados com respeito e amor. Fizeram o casamento dos pais, depois os aniversários dos filhos e, eventualmente, o casamento dos filhos. Hoje comemoram as gerações sendo desabrochadas e perfumadas pelo trabalho da equipe.

Além da loja, Betinha também se destacou em outras áreas. Ela foi bailarina, uma paixão que cultivou desde os 7 anos de idade, quando começou a fazer aulas de balé clássico, uma paixão que deixou de lado por um motivo nobre, o amor pelo seu marido, José Carlos, um artista que escrevia poesias e por quem ela se apaixonou. Juntos, eles construíram uma vida e uma família, enfrentando desafios e comemorando vitórias.

A trajetória de Betinha é repleta de momentos significativos e de pessoas especiais que cruzaram seu caminho. Sempre foi surpreendida com muitos anjos que apareceram na sua vida, ajudando-a e apoiando-a em suas realizações. Entre essas pessoas, destaca o Sr. Júlio Begossi, que lhe ensinou a fazer coroas de flores. Um homem incrível, que lhe apresentou e ensinou muito sobre arte.

A celebração dos 50 anos da Flox Floricultura é uma homenagem a todos que fizeram parte dessa história. Elizabeth Navarro Ricomini é uma mulher que respeitou o seu florescimento e é fonte de inspiração para todos. Sua história é um exemplo de como a paixão, a dedicação e o amor pelo que se faz, podem transformar vidas e criar legados duradouros.

A Flox Floricultura, com suas cores vibrantes e aromas inebriantes, continua a encantar gerações, mantendo vivo o sonho que começou em uma pequena garagem e de-

sabrochou de maneira grandiosa. O legado de Betinha é um testemunho de que, com amor e propósito, é possível transformar uma paixão em uma vida plena de realizações e significados.

E assim, com cada pétala e cada arranjo, a Flox Floricultura celebra meio século de história, perfumando a vida de muitos e mantendo viva a essência de Elizabeth Navarro Ricomini, uma mulher cuja trajetória e amor pelas flores continuam a encantar todos que têm o privilégio de conhecê-la.

ANTONIO CARLOS VALINI. Jornalista, MBA em Marketing pela FGV, Mestre em Administração/Marketing pela Unimep, Doutor e Pós-Doutor em Educação pela Unicamp. Diretor da Ausare Comunicação e Marketing e Coordenador de cursos superiores no Uniachieta. É Membro da Academia Saltense de Letras desde 2020, onde ocupa a cadeira nº 10 – Patrono Jota Silvestre.

A ALMA SANTA DE CHAMBÉRY

Lázaro José Piunti

Não se trata aqui do relato de uma história qualquer. Céu e Terra se unem para derramar a inspiração em mística simbiose! Vamos nos ocupar de retalhos da vida de Luísa Josefina Voiron, filha primogênita de um casal de camponeses franceses, nascida em 06/04/1835, que o tempo mostrará ser uma predestinada de Deus!

A menina, aos 10 anos, perdeu a mãe e amorosamente assumiu os cuidados dos irmãos pequenos. A fé a nutria e ela desejava ardentemente abraçar a vida religiosa. O pai contraiu novas núpcias e a jovem, aos 17 anos, se sentiu livre para realizar o seu ideal. Iniciou o noviciado e, em 1853, fez os votos. No claustro se tornou Madre Maria Teodora Voiron.

Formou-se professora e, em certa ocasião de inverno rigoroso, na sala de aula trepidava o fogo na lareira a lenha e uma das crianças teve as vestes totalmente atingidas pelas chamas. A jovem professora rapidamente resgatou o menino, mesmo expondo-se à grave queimadura nas mãos. Sua coragem e determinação a caracterizavam.

Pediu e obteve permissão para engajar-se no grupo de

socorristas às pessoas pobres atingidas pela epidemia da “Cólera Morbus”, que assolou a França. Seu ideal era servir a Deus em um país distante. No sacrário, a meditar, disse ter ouvido o chamado divino: “O Brasil será o seu campo de batalha!”.

Semanas depois, a Superiora do Convento reuniu as freiras e anunciou que um prelado brasileiro solicitara o envio de uma delegação de religiosas para uma missão naquele País. O Bispo da Diocese paulista, Dom Antônio Joaquim de Mello, planejara a criação de um Colégio em Itu, sua cidade natal. Porém, Madre Teodora foi preterida e, fiel ao Voto de Obediência, se resignou. O grupo de religiosas viajou, mas, chegando ao destino, sem a sua Superiora designada. Vítima de súbita enfermidade, Madre Maria Basília morreu durante o percurso e o corpo foi lançado em alto-mar.

Meses depois, a Congregação na França escolheu Madre Teodora para substituir a Madre falecida no trajeto. O embarque para o Brasil ocorreu no dia 29/03/1859. A viagem marítima de 56 dias teve o seu epílogo no porto de Santos-SP, em 24/05/1859. Iniciou-se, então, a etapa final da aventura, agora por estreitos caminhos de chão batido, em lombo de mula. Sacrifício imenso para a jovem de 24 anos, até a longínqua Vila de Itu.

Ao se apresentar ao Bispo, a recepção foi um duro comentário da autoridade eclesiástica: “Pedi uma freira com experiência e me mandaram uma criança!”. O Bispo destacou outra freira para a coordenação, no entanto, em pouquíssimo tempo, percebeu a capacidade inata de Maria Teodora e lhe entregou a direção da obra. Coube-lhe a árdua tarefa da criação do 1º Colégio instalado nas imediações da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio. Missão precípua: o ensino acadêmico às jovens filhas dos poderosos da época.

MADRE MARIA TEODORA VOIRON



Site Heroínas da Cristandade

Moças de famílias abastadas de diversas partes do Brasil matricularam-se no Colégio em período integral. A fina flor das famílias dos Barões do café.

Com a direção de Madre Teodora, a Escola ganhou prestígio, dada a qualidade do ensino. Madre Teodora, espírito solidário, decidiu criar em paralelo uma classe para as meninas pobres e filhas de escravos. A atitude desagradou porção importante da orgulhosa sociedade paulista. As intrigas, contudo, não a afastaram do comando, dada a sua reconhecida capacidade de organização e liderança.

Em dado momento, foi chamada à França para se explicar junto à Madre Geral. Na ocasião, a bordo de um navio em águas francesas, um jovem bem vestido se aproximou do seu grupo, confessando-se profundamente grato às religiosas, pois, ainda criança, uma freira o salvara em um incêndio ocorrido em Chambéry... Alguém tentou dizer algo, mas Madre Teodora fez sinal colocando os dedos sobre os lábios. O homem se foi sem saber, jamais, que estivera tão próximo de sua salvadora. À colega de Hábito, surpreendida com o gesto de Teodora, a Madre deu este conselho: “Fazer o maior bem possível, da maneira mais oculta possível!”.

Teodora tinha um irmão que abraçou o sacerdócio, transferindo-se anos depois para o Brasil. Consta que o sol intermitente lhe trouxe sérios transtornos mentais e o Padre Carlos Voiron adoeceu gravemente. Teria sido internado e falecera em hospital psiquiátrico. Mais detalhes não há, pois Madre Teodora Voiron fez minúsculo registro em suas anotações, concluindo com uma frase curta: “Aqui, eu me calo!”.

O Colégio dirigido pelas irmãs - internato e externato Nossa Senhora do Patrocínio – floresceu garbosamente.

Era grande o número de alunas usufruindo do alto nível educacional. Madre Teodora Voiron jamais deixou de acolher as meninas pobres e filhas de escravos, proporcionando-lhes alfabetização, cursos de corte e costura, culinária, bordado, jardinagem e diversos outros aprendizados. A antipatia dos abastados não regredia e a Superiora tudo suportava em silêncio.

De certa feita, o Imperador Dom Pedro II visitou o Colégio e, diante de grande séquito, ouvia da Madre Teodora pormenorizada explicação sobre a pintura artística nas paredes do educandário. O imperador anuíva positivamente à notória sapiência da Madre Superiora e, em dado momento, um fazendeiro presente, crítico mordaz da religiosa, balbuciou com desdém: “Essa freira consegue, com a sua conversa, impressionar até o imperador!”.

Perante esses cenários adversos, Madre Maria Teodora Voiron usava uma frase de sua lavra – lema de sua vida: “Guardemos o rosto que é de todos, sempre sereno; embora chore o coração que é tão somente nosso!”.

Em janeiro de 1902, a Madre Superiora fez uma visita à Chácara São José, na área rural do “Pinheirinho”, em Itu. Avistando-se com os lavradores, soube que dona Ernesta Lui, casada com o italiano Cleante Gasparini Lui, acabara de dar à luz. Visitou-a e, observando em seu colo a recém-nascida, afirmou: “Essa criança linda já tem nome”? E a italiana Ernesta falou de pronto: “Sim, vai se chamar Teodora!”.

Muitos anos depois, a neta de Teodora Lui, menina vinda da roça e de família de pequenas posses, foi bolsista no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. A iniciativa pioneira da fundadora do Colégio jamais fora revogada e meninas de parcos recursos se beneficiavam do seu gesto. Essa neta

da Teodora se chama Maria do Carmo (minha esposa)!

Madre Maria Teodora Voiron desenvolveu inúmeras obras sociais, criou orfanatos, construiu asilos para idosos desamparados e liderou as Irmãs da Congregação de São José no desenvolvimento de tarefas em diversas Santas Casas de Misericórdia, na capital e interior - inclusive um leprosário em São Paulo. Dedicou-se ao ensino catequético espalhando os frutos da cristandade direcionados à missão educacional. As ações voltadas para a seara da Educação se estenderam por inúmeras regiões, destacando-se: Franca, Jaú, Piracicaba e Taubaté, além do famoso Colégio Santana, na Paulicéia.

Nos últimos anos de sua vida, Madre Teodora viveu em cadeira de rodas, resignada e em silêncio. Jamais abdicou do ideal de servir. Faleceu aos 90 anos, em 17/07/1925. Tramita no Vaticano processo canônico que já a situou no grau de Venerável. Na sequência, aguardam-se as etapas possíveis do reconhecimento de Beatificação e Canonização.

LÁZARO JOSÉ PIUNTI é advogado e escritor. Pós-graduado em Direito Ambiental, Sistemas de Gestão Integrados de Qualidade e em Segurança e Saúde no Trabalho. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 14 – Patrono Castro Alves. Contato com o autor: ljpiuntiescritor@uol.com.br.

A GRANDEZA DISCRETA

Marilena Matiuzzi

Existem vidas que se entrelaçam com o mundo de maneira tão profunda e silenciosa que, quando partem, deixam um eco de grandeza sutil e delicada. Virgínia Soares Liberalesso foi uma dessas vidas. Nasceu em Pindamonhangaba, no dia 18 de janeiro de 1922, e seguiu sua jornada até 11 de novembro de 2020. Sua importância foi muito além das datas que marcaram sua passagem, como se tivesse costurado sua existência entre o firmamento e o chão, tecendo uma tapeçaria sutil e essencial.

Órfã desde muito cedo, Virgínia foi acolhida por parentes que a trouxeram para Salto e aqui a criaram. Desde a infância, sua vida já mostrava sinais de uma força rara. No universo limitado do ensino fundamental, destacou-se como uma estrela em ascensão, sob a orientação da professora Benedita de Rezende. Essa mestra, encantada com a fome de saber da aluna, ofereceu-lhe não apenas as aulas curriculares, mas, também, de língua francesa e poesia, abrindo-lhe um vasto universo para explorar, alimentando uma mente que parecia ter nascido para a cultura.

Virgínia moldou sua vida com vínculos profundos. A amizade de uma vida inteira com Joana Bianchi, por exemplo, nasceu em São Paulo, onde passou uma breve temporada em sua juventude, mas a verdadeira marca de suas re-

lações está em seu casamento com Ettore Liberalesso, que ocorreu em 1942, quando faltavam meses para completar seus 20 anos de idade. Sete décadas de convivência, cada dia uma renovação do amor e da parceria. Juntos, não formaram apenas uma família, mas uma verdadeira sinfonia de cumplicidade e ideais compartilhados. "Nós nos bastávamos", dizia Virgínia, como se cada palavra fosse um fio de conexão que tecia o sentimento que sustentava a união.

No jornalismo, Virgínia foi o coração pulsante do jornal "O Trabalhador". Em um projeto que surgiu da sugestão do pároco da Igreja Matriz, o Monsenhor Couto, e ganhou forma com Ettore e os amigos João de Camargo, Roque Lazzizzera e Antonio Andrietta, Virgínia tornou-se a alma invisível, mas indispensável.

Por 45 anos, da primeira à última publicação do jornal, foi a artífice de cada pauta, revisora e coordenadora, tornando-se a diretora do semanário nos últimos sete anos, sempre com a discreta paixão que caracterizava seu trabalho. Quando assinava suas matérias, o nome de Adjany se tornava o reflexo de sua dedicação invisível.

Entre todas as formas de expressão, a poesia era seu lar. No livro *Haicais*, publicado quando já tinha 96 anos, Virgínia capturou a essência da vida com a precisão de quem entende os pequenos momentos. Em um de seus haicais, ela nos oferece uma imagem vívida:

*Nas tardes de outono
de ventos fortes, odores
de fruta madura.*

Neste haicai, o outono é mais que uma estação; é a plenitude do ciclo, a maturidade que se mistura com a passagem do tempo. Virgínia olhava o mundo com olhos que

VIRGÍNIA LIBERALESSO



Coleção familiar

viam a beleza na transitoriedade e a profundidade nos detalhes simples.

Sua paixão pela poesia reflete a essência de Virgínia. Um haicaísta é um profundo conhecedor de seus sentimentos, um observador atento da vida, alguém que vê nos pequenos gestos e nas palavras não ditas o significado da existência, e um haikai é a expressão maior, na literatura, de desapego, síntese, simplicidade, profundidade e sensibilidade, e uma forma de “valorização da vida debruçada na experiência do imediato”. Definir assim o haikai é o mesmo que definir Virgínia.

Embora sua formação acadêmica fosse básica, sua avidez pela leitura e pela escrita moldou uma carreira rica e diversificada. Além do “O Trabalhador”, ela também colaborou com a revista “Família Cristã” e com o Suplemento Literário do “Correio Paulistano”, e suas criações literárias incluíam poesias, sonetos, crônicas, contos e histórias infantis.

Há uma história sobre sua juventude, quando foi convidada para declamar um poema em uma rádio paulistana. Nesse episódio, conheceu o poeta Paulo Bonfim, que, encantado, a convidou a permanecer em São Paulo. Virgínia, no entanto, preferiu a quietude da cidade do interior, mantendo sua essência e seu talento em um espaço discreto, longe dos holofotes.

Virgínia nunca buscou o centro do palco. Preferiu permanecer nos bastidores, refletindo a sabedoria de que conhecia a verdadeira força da sutileza. Ela orientou jovens jornalistas, compartilhando seu conhecimento e sua paixão, guiando-os no labirinto do jornalismo e da escrita criativa.

Ela deixava de lado sua timidez somente quando falava de seus filhos, Anita e Paulo de Tarso. O orgulho que sentia por suas conquistas em família era palpável. Junto com Ettore, deu aos filhos a melhor educação possível e sempre dizia: “A educação promove, a educação é boa”. Ambos os filhos se tornaram profissionais de destaque. Sem dúvida, a paixão pelo saber e o compromisso com a excelência foram as heranças mais valiosas que receberam.

Virgínia era, em sua essência, uma multiplicidade de papéis: esposa dedicada e amorosa, mãe zelosa e orgulhosa, dona de casa que fazia do crochê e da costura uma arte, jornalista apaixonada, escritora fervorosa e artista plástica cujo trabalho em natureza-morta era admirado. Fez parte do grupo de teatro “Santa Inês”, onde deu vida a comédias e dramas, e participou ativamente da vida social, organizando as festas setembrinas e fundando o primeiro grupo de mulheres da Sociedade Vicentina na cidade.

Seu primeiro livro, “Contos de Antigamente”, publicado em 2010, quando tinha 88 anos, foi um presente para seus netos e bisnetos, constituiu-se das histórias que contava para seus filhos quando eram pequenos. Seguiram-se outros trabalhos: “O Tesouro do Guaraú”, em 2011, “Deva-neios”, em 2013, “A História de Mani”, em 2015. Em dezembro de 2014, tornou-se membro da Academia Saltense de Letras, ocupando a cadeira 25, Mário de Andrade. Em 2018, faltando poucos anos para completar um século de existência, publicou o belíssimo livro de haicais.

Até o fim de seus dias, Virgínia permaneceu uma presença vibrante e lúcida, uma fonte inesgotável de histórias e ensinamentos. Sua vida foi um testemunho de que a verdadeira grandeza se encontra na quietude e na profundidade do ser. Com cada gesto silencioso, cada palavra escrita, Virgínia moldou uma influência imensa e duradoura. Seu

legado é uma ode à discrição e à presença, uma celebração daquelas almas atentas e silenciosas que, como um haicai, tocam o coração com sua simplicidade e profundidade.

MARILENA MATIUZZI é advogada pós-graduada em Direito Constitucional, poeta e cronista. Ingressou na Academia Saltense de Letras (ASLe) em 2011, onde ocupa a cadeira nº 39 – Patronesse Cora Coralina. É presidente da ASLe para o biênio 2024-2026. Contato com a autora: m_matiuzzi@yahoo.com.br.

A MULHER DO CARTÓRIO

Cynara Lenzi Veronezi

As nossas memórias servem para que as revisitamos, novamente, os acontecimentos/lugares marcados em nossas vidas. Partindo desse princípio, separei algumas memórias sobre essa mulher, grandiosa de caráter e também em responsabilidade. Sim, contarei sobre a “mulher” do Cartório Eleitoral da cidade de Salto.

Sempre que o visitava, pude ouvir: “Pergunta pra mulher do cartório!”. Ou: A mulher do cartório que disse!”. E, também: “A mulher do cartório que falou!”.

Quanta responsabilidade neste ser!

“A mulher do cartório” era a “chefona” de tudo e de todos, na visão de quem o frequentava. Engraçado né?

As pessoas que frequentavam o lugar chegavam com toda timidez e delicadeza do mundo, talvez por estarem no prédio do Fórum, um local de muito respeito. Ali a justiça era respirada a todo o momento e saíam de lá totalmente envolvidos num clima de positividade no atendimento tranquilo e eficiente.

Desde que me conheço por gente, isto é, desde que me

percebi criança, fui envolvida nesse universo. Um trabalho cuja condução tinha que ser feita de forma responsável e obedecendo às datas, leis, procedimentos, orientações... E, o mais importante de tudo: por ser um emprego público, a humildade era essencial para saber “lidar” com quem precisa dele. Ter empatia para poder ajudar, dentro do propósito de seu trabalho, da melhor maneira possível.

Ela, “a mulher do cartório”, em seus mais de 30 anos de trabalho como cartorária, dos anos 70 até final dos anos 90, sabia fazê-lo como ninguém. Os seus auxiliares conheciam o momento de pedir auxílio para ela, pois essa senhora cercava-se de seus anos de experiência para resolução de um problema. O interessante é que, mesmo cercada de uma equipe de atendimento eficaz e competente, “a mulher do cartório” era sempre esperada por quem aguardava. E fazia de forma rápida e natural.

Em seu trabalho, dispunha de contatos com todos os níveis da política saltense e até do Brasil. Era sempre visitada por candidatos à vereança saltense, a prefeito e, também, por já consagrados nomes da política brasileira, como deputados estaduais e federais, candidatos futuros à Presidência do Brasil. (Michel Temer, ex-presidente, só para citação correta). Seu trabalho também exigia informar, participar e resolver situações para os juízes e promotores que ocupavam o Fórum.

Essa “mulher do cartório”, muitas vezes sob pressão de entregas, trazia para casa trabalhos e os terminava, enquanto eu só “passeava” com meus brinquedos, por entre caixas e pastas. Num desses episódios, lembro-me de querer ficar debaixo da mesinha da sala, observando-a e, ao me levantar, ter arranhado a testa na quina da mesa. Resultado? Mais um trabalho extra para a “mulher do cartório”: correr para o hospital para que fossem feitos alguns

ZULEIMA
LENZI



pontos de correção por um pequeno erro meu.

Em outras ocasiões, com domingos e feriados disponíveis para fechamento de agenda do cartório eleitoral, ela ficava entre seus afazeres domésticos, pré-organizados, e seu trabalho profissional. E, quando aconteciam as eleições, quem estava no comando para fiscalizar, proporcionar um trabalho positivo, evitar atropelos, confusões e problemas? E nas apurações das referidas eleições, com sua equipe ágil e produtiva, quem estava? “A mulher do cartório!”.

Eu sempre notei: “Eita mulher trabalhadeira!”.

O tempo foi passando e os trabalhos seguiram para outro patamar, pois a cidade crescia, a população crescia junto, e episódios aconteciam a todo o momento. Um dos mais engraçados, talvez pela natureza de se trabalhar em um local de muito compromisso e ordem, foi quando “a mulher do cartório” foi chamada para resolver um caso de duplicidade (duas pessoas com documentações iguais). O homem, ao ser indagado sobre se ele era gêmeo, respondeu: “Não, sou de Capricórnio!”.

Essa senhora gostava muito do seu café da tarde, porém se irritava quando “visitantes” descobriam seu cantinho particular e “aproveitavam” para tomar um golinho do precioso líquido que ela tinha o prazer de comprar e oferecer a quem ela queria.

Já em outras situações embaraçosas, “a mulher do cartório” tirava de letra, pois sabia separar notadamente uma situação de outra.

As visitas que já adulta eu fazia ao cartório eram para, iniciando na minha profissão, pegar carona até nossa casa. Pude perceber o quanto de harmonia existia naquele lugar,

tanto para quem frequentava pela primeira vez para resolver sua vida eleitoral, como também para mim, que todo final de tarde aparecia.

A frequência em que estava por lá só fazia com que eu admirasse mais e mais “a mulher do cartório”! Mostrava-me o posicionamento de uma mulher que se expôs para a vida, seguiu um caminho profissional dominado quase que exclusivamente por homens. Soube se impor e comandar, sem ser autoritária ou pressionada. E, acima de tudo, levar a vida com bom humor.

Soube dizer sim quando era para sim; não quando era para não. Essa é uma das características mais valorizadas e admiradas por mim no que se refere ao tratamento humano.

As memórias aqui citadas só salientam o quanto de admiração tenho por ela. O quanto de espelhamento eu faço dela. O quanto de aprendizagem de valores eu tenho dela. Não escrevo estas linhas para vangloriar a posição ocupada por ela. Mas, sim, para mostrar, através do exemplo dela, como uma mulher pode ser empoderada, sem mimimi nem passeatas ou discursos eufóricos.

À surdina das noites mal dormidas, nada tirou o foco de ser quem é, sempre com seu batom na boca, sua roupa bem passada, seu perfume inconfundível, seu cabelo arrumado, suas unhas impecáveis, seus remédios organizados, sua maquiagem rotineira e, ainda, atualmente viúva de um jornalista notável, meu pai, Valter Lenzi, que vez ou outra me responde, num momento meu de euforia, e diz tranquilamente: “Tá legal!”.

E por aí vão histórias de um ser que, a cada dia, ainda me deixa de boca aberta pela forma como encara a vida.

Eu tenho o grande prazer em dizer, em alto e bom som: “A Mulher do Cartório Eleitoral” que me fez reviver essas memórias, dona Zuleima Maria de Moraes Lenzi, é minha mãe!”.

CYNARA LENZI VERONEZI é formada em Pedagogia e autora dos livros: “Historinhas”, “Histórias pra Contar”, Minha Fiel Escudeira e Eu” e “ A Pandemia no Reino Encantado”. Tem dezenas de vídeos gravados contando suas histórias nas redes sociais @cylenzi. É integrante da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 18 – Patrono Dante Alighieri.

A SERVA DE DEUS

João Carlos Milioni

Era início da década de 70 quando conheci a “Lurdes”. Naquela época morávamos em São Paulo – capital e, mesmo já acostumados com a vida em Sampa, convivendo com nossos grupos de colegas da escola e do bairro onde vivíamos, os laços das antigas amizades da nossa terra, onde estavam nossos avós, tios, primos e vários amigos de infância, não saíam da nossa cabeça. Todas as vezes que meu pai resolvia passar o final de semana em Salto, nós vibrávamos de alegria, pois era lá que gostávamos de ficar.

São Paulo era bom, mas ficava ainda melhor quando alguns amigos ou parentes iam nos visitar, e foi por causa de uma dessas situações que conheci a “Lurdes”. Meu amigo de infância, que eu sempre considerei como primo, chamado Geraldinho, morava em Salto, mas foi a São Paulo para fazer uma cirurgia na perna; ficou internado no mesmo hospital em que a “Lurdes” estava. Era o Hospital Matarazzo, e lá fomos nós fazer companhia para o meu primo.

Em conversas com meus pais, eu já tinha ouvido falar da “Lurdes”, que também era tia do Geraldinho, mas não a conhecia pessoalmente. Na primeira vez em que fui visitá-la, não tive nenhuma outra sensação que não fosse a de acolhimento. Lembro bem de quando entrei naquele quarto e dei de cara com aquele olhar brilhante e com aquele sor-

riso singelo, emoldurado por um rosto rosado e uma voz suave, que transmitiam muita paz e harmonia. Percebi que ela movia apenas os braços e cabeça, mas a energia que irradiava parecia mover qualquer coisa que ela quisesse.

Ela pediu que eu lhe desse um abraço e, mesmo sem nunca tê-la visto, parecia que eu já a conhecia há muito tempo, tamanha a empatia que tive por ela e que também senti que ela tinha por mim. No mesmo instante, sem pestanejar, me aproximei e abracei-a. Aquele foi o primeiro de muitos outros singelos abraços, que pareciam nos encher o coração de paz e felicidade.

Nos anos em que minha família morou em São Paulo, muitas vezes fomos visitar a “Lurdes”. De vez em quando a surpreendíamos e levávamos para o hospital a comida feita pela minha mãe. Quando chegávamos, montávamos uma mesa para almoçar, para jantar, lanche, enfim, levávamos para ela todas as delícias que normalmente não eram servidas no hospital, e ela adorava, principalmente os doces das sobremesas.

Por muitas vezes fizemos essas surpresas para “Lurdes”, mas era sempre no hospital. Até que num belo dia meu pai resolveu tirá-la de lá. Pedimos ajuda aos funcionários do hospital e conseguimos uma maca especial para transportá-la com segurança.

Com ajuda de alguns dos nossos amigos, fizemos várias dessas aventuras com ela. Levamos a “Lurdes” para nossa casa, passeamos por São Paulo, depois viemos para Salto para que ela matasse a saudade por estar tantos anos sem ver a cidade e todos os seus conhecidos, amigos e familiares.

Enfim, podíamos perceber no semblante dela o quanto ficava feliz em poder sair daquele quarto de hospital.

MARIA DE LOURDES GUARDA



O tempo passou e, vários anos depois, voltamos a morar em Salto, o que fez com que nossa proximidade com ela fosse minguando por conta da distância e da correria diária que a vida nos apresenta. Mas ela, mesmo dentro daquela cama de gesso, mesmo imóvel naquele quarto de hospital, não parou de crescer como pessoa. Com sua simplicidade e fé inabalável, tornou-se inspiração para muita gente.

Para quem não sabe, a “Lurdes” que conheci, era Maria de Lourdes Guarda, nascida em Salto, no dia 22 de novembro de 1926. Após passar sua infância e adolescência na então pacata cidade de Salto, aos 18 anos de idade concluiu seus estudos como interna do Colégio do Patrocínio em Itu para, logo em seguida, passar a fazer parte do quadro de docentes do Colégio da Congregação das Filhas de São José – o tradicional Coleginho das Madres de Salto, como professora, onde atuou até os 20 anos de idade.

Ela, porém, sofria constantemente com muitas dores por conta de problemas diagnosticados em sua coluna. Assim, no mês de agosto de 1947, passou pela sua primeira cirurgia corretiva na coluna, com objetivo de eliminar as intensas dores que a faziam sofrer há muito tempo.

Infelizmente essa cirurgia não teve um resultado satisfatório e acabou complicando ainda mais sua situação. Nos cinco anos seguintes, outras seis cirurgias foram realizadas com o intuito de fazer com que não tivesse mais dor e voltasse a andar. Nenhuma delas teve êxito. Pelo contrário, a situação foi se complicando mais e mais, até chegar ao ponto de ter que amputar uma perna e, depois, ainda ter que retirar os ossos da bacia, fato que terminou por decretar sua permanência num leito de hospital para o resto da vida.

Todos os detalhes, todas as situações difíceis, todas as complicações e todos os sofrimentos pelos quais passou,

fazem parte da sua biografia e das várias matérias publicadas a seu respeito nos mais variados veículos de imprensa, tanto do interior de São Paulo, da própria capital paulista, quanto do mundo.

O que mais impressiona, aquilo que sempre me fez parar para pensar, aquilo que hoje em dia, já adulto, consigo refletir com plena serenidade, é a verdadeira saga que ela percorreu, sempre com muita fé e resignação, e isso acabava por contagiar a todos que estavam a sua volta. Era a energia do bem, a energia dos anjos, a energia pura da fonte de Deus, porque não havia naquela mulher nada que não fosse o sentimento de querer bem, de ajudar, de mostrar os melhores caminhos, de estar pronta para erguer bandeiras de luta para todos os movimentos que pudessem propiciar igualdade de direitos a todos os desfavorecidos pela vida, a todos os considerados invisíveis pela sociedade apressada pelo progresso desvairado que atropela tudo e todos.

Ela tomou a frente de muitos problemas que nunca foram dela, justamente por entender que, mesmo estando presa naquela cama, naquele quarto, conseguia mover o mundo por meio de sua influência que, sempre ancorada na fé em Deus e na palavra de Jesus Cristo, conseguia abrir portas até então cerradas para os que vieram antes e sem sua força.

Algum tempo depois, já engajada na Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência, da qual foi Coordenadora, fez várias viagens a trabalho pela causa e atuou fortemente para que o movimento obtivesse o apoio político necessário para interagir com os governantes a favor de políticas públicas de inclusão e de direitos aos grupos formados por pessoas com deficiência.

A doce, simpática, sorridente e singela “Lurdes” que eu

conheci faleceu em 5 de maio de 1996, no Hospital Santa Catarina na cidade de São Paulo. Foi sepultada em Salto, no cemitério da Saudade, em jazigo de sua família.

Mas a história dela não parou por aí: em 14 de fevereiro de 2004 foi inaugurada em Salto a Escola CEMUS IX, com o nome “Professora Maria de Lourdes Guarda”.

Em setembro de 2007, a Diocese de Jundiáí recebeu o *Nada Obsta* para iniciar seu processo de beatificação. Em abril de 2008, teve início a causa diocesana do processo, que foi concluído em julho de 2010. Pouco mais de dois meses depois, em setembro de 2010, como parte do ritual canônico, seus restos mortais foram trasladados para o altar da Sagrada Família, na igreja Nossa Senhora do Monte Serrat, em Salto. Maria de Lourdes Guarda foi declarada Serva de Deus.

Atualmente, na Cúria Romana, tramita o *Positio* sobre a vida da Serva de Deus, contando com a fé do grupo de apoiadores da causa e com o acompanhamento da Diocese de Jundiáí, que segue firme em prol do seu Processo de Canonização junto ao Vaticano.

Tanto eu como muitas outras pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-la temos plena certeza de que, muito em breve, teremos a canonização da nossa “Santa Lourdes”.

Sua máxima:

“Nenhuma deficiência é limitação para a vida”.

JOÃO CARLOS MILIONI, graduado em Administração de Empresas. É autor de “A brilhante amizade” (1999); “O compadre de João Carrasco”, peça teatral (2000); “Planeta Mãe”, (2001); e “Obstinado” (2012). É membro da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 21 – Patrono João Guimarães Rosa.

A ÚLTIMA LIGAÇÃO

Marco Rafael Leite Ribeiro

A mãe está bem, vou desligar, pois só preciso descansar um pouco. Te amo muito, meu filho.

Essa fala não sai da minha memória, foram as últimas palavras que escutei dela antes de partir rumo à última viagem, sendo esta inevitável e que todos faremos um dia. Eu apenas não imaginava que seria tão precoce. Helena Maria Leite Pasqualini Correa tinha 43 anos de idade e o ano era 2021.

Tendo em vista a temática desta coletânea organizada pela Academia Saltense de Letras, vejo uma oportunidade de tecer uma singela homenagem a essa mulher que tanto me inspirou e tanto me inspira quando busco na memória o exemplo de superação e determinação que minha mãe deixou, não só a mim, mas também às minhas irmãs e irmão: Helen, Bruna e Júnior.

Durante minha vida como pesquisador, já escrevi sobre muita gente e seus feitos, seus legados e como foram influentes na sociedade em que atuaram. Escrever sobre Helena é uma maneira de deixar fragmentos de minha memória para que o leitor e a leitora tenham contato com uma mulher que foi filha, mãe, avó, esposa, nora, sogra, profissional dedicada em tudo que atuou, seja como comerciante ou dona de casa, tudo isso com muita delicadeza e beleza;

era linda em todos os sentidos.

Eu era criança quando estávamos deitados na cama e escutei a primeira vez, nas palavras dela, histórias de um tal cavaleiro andante, montado em seu cavalo e vivendo grandes aventuras junto de seu amigo de andanças em busca de um amor utópico... Conheci Dom Quixote e iniciei meu caminho pelo mundo da leitura; minha mãe me inspirou a ler.

Sua sensibilidade me ajudou em uma atividade escolar quando tinha 9 anos de idade e a professora ensinava sobre o mapa político do Brasil. Haveria uma avaliação com um mapa do território e teríamos que indicar os estados e capitais do país. Foram noites em que, sentados à mesa, ela buscava métodos para que eu decorasse os nomes dos territórios. Lembro quando ela falava “Tocantins” e batia palmas com as mãos, logo lembrei “Palmas”; quando falava “Amapá” e dizia “quase igual”, eu repetia “Macapá”; “os dois mais fáceis: São Paulo e Rio de Janeiro”... E assim decorei estados e capitais. Mal sabia que me tornaria professor de Geografia no futuro. Ela me inspirou a estudar.

Meus pais eram separados, na verdade nunca foram casados. Meu pai, Marco Antônio Ribeiro, faleceu três meses depois de minha mãe. Tiveram um relacionamento de adolescentes, ela com 15 anos e ele com 17, eu nasci em 1993. Quando criança, visitava meu pai aos finais de semana e, durante o período de férias, ficava com ele por aproximadamente 15 dias seguidos, que nunca foram seguidos. No quarto ou quinto dia já sentia falta da mãe, chorava e tinha que voltar para casa. Em uma das ocasiões, ela encheu de beijos um ursinho de pelúcia e disse: “Leve com você, é importante que passe um tempo com o papai. Se sentir saudade, beije e abrace o ursinho, ele transmitirá meus beijos e abraços” (que falta esse ursinho me faz). Hoje entendo

HELENA
MARIA LEITE



Coleção familiar

que ali minha mãe me mostrava que, de algum jeito, ela sempre estaria comigo.

Helena me ensinou que é possível recomeçar, quantas vezes forem necessárias. Do primeiro casamento nasceram minhas duas irmãs. Quando houve a separação, as coisas ficaram um pouco confusas, ela e eu recomeçamos em uma casa de dois cômodos, chão de terra, parede sem reboco, chuveiro gelado, eu tinha 10 para 11 anos de idade. A mãe precisou trabalhar muito, quase não a via, tinha minha avó comigo. Alguns anos se passaram e recomeçamos. Minha mãe se casou novamente, nos mudamos para Salto, ela montou uma loja de roupas e, depois, um salão de cabeleireira. As coisas começaram a se ajustar, até que veio o lúpus. Constantemente era levada ao hospital, chegou a ficar entre a vida e a morte algumas vezes e venceu. Ensinou-me o que é esperança, mesmo nas maiores adversidades da vida.

Com a doença controlada, cuidou do sogro, da sogra, da mãe, criou os filhos, foi esposa. Ensinou-me o que é se dedicar à família, às pessoas amadas. Precisou deixar a profissão, pois a doença foi enfraquecendo o corpo e baixando a imunidade.

No ano de 2018, ela realizou um antigo sonho, foi morar em Santa Catarina. Inspirou-me a buscar alcançar os objetivos, mesmo que a situação não pareça favorável.

Em meados de julho de 2021 fui visitá-la, passeamos muito, comemos, bebemos, tive uma mãe/amiga. Ela se divertiu e curtiu muito os gêmeos (netos). Fomos a parques, praias, brincamos. As obrigações me fizeram voltar para casa com minha família. Foi nosso último contato presencial. Em agosto, uma febre obrigou a uma internação. Em setembro, foi a última ligação, a última conversa (repro-

duzida no primeiro parágrafo). Aos 23 de setembro daquele ano ela partiu, a mulher que mais me inspirou se foi. Acabaram as ligações diárias na hora do almoço, acabaram as fofocas sobre algo engraçado que foi visto nas redes sociais...

Ficaram as boas memórias, os aprendizados, as lembranças dos sorrisos, dos conselhos, das broncas, dos passeios de moto, do gosto do pastel feito pelas suas próprias mãos em julho de 2021, do sorriso e alegria ao carregar os netos no colo.

Ficou para mim seu exemplo. Superou a barreira de ser mãe adolescente e solteira nos anos 1990, de recomeçar a vida diversas vezes, de cuidar de pessoas amadas quando elas necessitavam, de ser mãe e amiga, confidente, enfim, uma mulher inspiradora!

Dedico este texto aos meus irmãos. Tenho certeza que, assim como eu, fecham os olhos e lembram da mãe. À minha esposa, que teve uma sogra e amiga. Aos netos e netas, que com certeza escutarão boas histórias sobre vovó Helena, e ao esposo que esteve ao seu lado.

Helena Maria Leite nasceu em Itu/SP, aos 7 de dezembro de 1977 e faleceu em Joinville/SC, aos 23 de setembro de 2021.

MARCO RAFAEL LEITE RIBEIRO é professor, pesquisador, ensaísta e gestor público. Graduado em História e Sociologia e Pós-graduado em Sociedade e Cultura. É membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 1 – Patrono Ettore Liberalesso. Contato com o autor pelo e-mail: marcorafaelleiteiribeiro@gmail.com.

ANIVERSÁRIO

Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia

Este texto foi inspirado pela sensibilidade e pelo estilo da escritora Clarice Lispector, a quem agradecidamente homenageio.

Naquela manhã de janeiro, acordei com preguiça e um misto de solidão e sono. Um silêncio ensurdecedor soava em minha cabeça como o canto estridente e ensandecido de uma cigarra libertina em busca de cópula, compelindo-me a detestar minha própria companhia.

Acendi um cigarro e logo uma fumaça espessa adensou-se ao meu redor com o peso de significados ocultos e perguntas muitas vezes sem respostas. Aquele silêncio ruidoso parecia querer me dizer algo, mas que eu não conseguia ainda entender. Sentia apenas um vazio, que não sabia o que era, mas que doía, doía fundo.

Talvez fosse a casca da cigarra rompendo-se para permitir a transformação, deixar o novo emergir, crescer. Lembrei-me, então, de uma reflexão de Camille Claudel, escultora impetuosa do século XIX, que lutou contra o preconceito da época por ser mulher, solteira e artista. Ela, discípula e amante de Auguste Rodin, com quem viveu uma grande história de paixão e de disputa artística que acabou por levá-la à loucura, disse:

“Sempre te lembra de que a pele se enruga, o cabelo se torna branco, os dias se convertem em anos, mas o mais importante não muda! Tua força interior e tuas convicções não têm idade. Teu espírito é o espanador de qualquer teia de aranha. Atrás de cada linha de chegada, há uma de partida. Atrás de cada trunfo, há outro desafio, enquanto estiveres vivo.”

Lá fora, o mundo quase em pausa não parecia notar a mudança que se passava dentro de mim, e que acontecia exatamente no dia do meu aniversário. E aquela letargia externa contrastava com a tempestade emocional que me acometia. 50 anos! Se eu fosse um sistema operacional de computador, poderia dizer que tinha acabado de ser atualizado. Será que a minha hora enfim teria chegado? Estava no limiar de algo grandioso e libertador.

Nossa vida inteira é construída em torno do tempo. Estamos imersos em sua ação implacável. Planejamos o futuro à luz do que sabemos sobre o passado. E muitas vezes nos esquecemos de que o agora é a única instância do tempo em que o movimento pode, de fato, acontecer. Embora, para algumas ações, nem todo agora será um momento oportuno, ao passo que todo momento oportuno será sempre um agora.

Agora estou só face ao espelho... Minutos desfilam sem pressa ou propósito. O que é o tempo para quem decide existir de verdade? O momento era oportuno. Então, olhei-me fixamente bem dentro daqueles grandes olhos castanhos e vi um vislumbre de liberdade. Queria me entregar inteiramente ao desconhecido. E, para viver essa experiência, teria que me despir do medo e abraçar com toda a minha força a confiança. Saltar com os braços abertos tal qual uma criança que pula nos braços do pai. Escolher a coragem em vez do conforto e me deixar levar pela poesia

CLARICE LISPECTOR



Aervo do Instituto Moreira Salles

de todas as vidas.

Na verdade, cansei-me da mesmice, cansei-me de ouvir que a minha idade não me permitiria mais isso e aquilo, cansei-me de correria, de tentar fazer tudo ao mesmo tempo e, no final, sofrer com a culpa por achar que nada foi bem-feito. Cansei-me dos arrependimentos, dos erros, de concordar para evitar conflitos, de me entregar transbordando de amor para quem é vazio emocionalmente. Cansei-me de enxugar lágrimas. Cansei-me de ser um mero peão no jogo da minha vida, ainda que andando só para frente e na expectativa de me transformar em algo melhor. Cansei.

Pensamentos intrusivos invadem minha mente e aumentam minha ansiedade. Acendo um novo cigarro ou abro um espumante? A conjunção *ou* pode não ser excludente, segundo a gramática normativa. Afinal, é meu aniversário. Costumava tomar uma taça de champanhe no café da manhã quando dormia em Chapelaine, no leste da França, na casa de uma amiga da faculdade. Ela tinha adquirido esse hábito e, logo cedo, ao lado de sua Ninon, uma Yorkshire adorável, tomava uma taça do precioso líquido borbulhante de sua propriedade.

A imagem no espelho me diz que preciso me perdoar pelas falhas do passado. Mas só Deus pode tirar essa dor do fundo da minha alma. Penso em meu filho, agora adulto, quase formado no curso de que tanto me orgulho em uma das melhores instituições do país. Teria sido eu uma boa mãe? Provavelmente, uma mãe imperfeita, como a maioria; porém, se errei, querendo acertar, foi por proteção.

Havia também a responsabilidade de ser dois em um, realidade conhecida por muitas mulheres que lutam para provar seu valor em uma sociedade ainda patriarcalista,

que plantou a ideia de “mãe perfeita” para mais facilmente dominar mães exaustas e envergonhadas. A loucura disso é que você acaba carregando um fardo pesado, que é o compromisso de garantir a felicidade do outro. Como? Se não conseguimos assegurar nem a nossa.

Fechei os olhos com força e, nos primeiros segundos, pensei só em desaparecer. Mas o grito da cigarra tornara-se decifrável: “Quem você é? Quem você é?” E se repetia infatigavelmente dentro da minha cabeça. Queria simplesmente responder pretensiosamente “eu sou aquela que sou”, mas eu não era ainda. A metamorfose estava apenas começando. Eu era um vulcão adormecido que agora se encontrava em plena efervescência.

Será que aquela pequena taça em jejum já estava fazendo efeito? Pouco importa. De súbito, veio-me um ânimo e um impulso descomedido de mudar o rumo do jogo. A verdade é que não é a ausência de medo que define a coragem, mas a determinação para seguir em frente, apesar dele. Uma ebulição de sentimentos se desprendia do fundo da minha taça, projetando-se para fora daquele cárcere invisível.

Abri a porta e saí. O ar fresco da manhã acariciava o meu rosto delicadamente e meu corpo movia-se com uma leveza quase pueril. Em meus lábios, um sorriso espontâneo revelava um certo prazer incontido. E assim eu caminhava, absorta em meus pensamentos, contemplando cada detalhe da magnificência da natureza graciosa: a copa das árvores com suas flores, o espetáculo do sol nascendo e da explosão de cores no céu, tudo enchia meu coração de felicidade e gratidão por aquela sensação inefável de estar viva, pulsante, livre e indomável.

A ninfa de mim mesma entregou-se à metamorfose e

estava, enfim, em conexão profunda com sua intrínseca verdade. Estava viva e me permitiria ser inteira, o que ia além dos papéis sociais e familiares, e além das expectativas que eu, tola, antes me impus. Queria voar, conhecer novas culturas, aprender novas canções, cruzar os Alpes, sorrir e chorar sem reservas. Desafiar-me continuamente. Fazer coisas que nunca fiz antes. Naquele instante, via não apenas um caminho, mas várias direções, cada uma convidando-me a descobrir algo novo.

Estava distraída e quando percebi, uma menina seguira a minha mão e andava comigo. Seu sorriso iluminou-me. Era de uma inocência doce e alegre. Um sentimento familiar tomou conta de mim. Meus pés ora sentiam o solo no contato com a matéria firme, ora pareciam deslizar entre o vento e o verde daquele vale vibrante e novo. Na minha alma, a rolha estoura e o líquido flui livremente. Euforia e excitação jorram em abundância. A liberdade de ser e a coragem de sonhar, liga perfeita. Não estava mais só. No tempo certo, nem antes, nem depois, o milagre acontece.

MÔNICA LEITE DALLA VECCHIA é graduada em Letras, Mestre em Ciências da Linguagem e Doutora em Linguística Geral e Aplicada. É autora de livros na área da Linguística e da Educação. Comanda o Canal Gramática sem Trauma no YouTube. Na Academia Saltense de Letras, ocupa a cadeira nº 5 – Patronesse Clarice Lispector.

CORAÇÃO MATERNO

Mércia Falcini

*(...) Os filhos são filhos de todas as
mães, e as mães são as mães
de todos os filhos.*

Alziro Zarur

Em meio às estreitas vielas e à vibrante energia das crianças, um projeto social emerge como um farol de esperança e transformação. Ao final da rua Lins, no bairro Jardim Marília, da cidade de Salto, SP, logo nas primeiras residências da comunidade, conhecida como Ocupação do Marília, pulsa o coração materno de Dona Selma.

Conheci Dona Selma, idealizadora do projeto, na ocasião em que estava Secretária da Ação Social do município, e a conexão foi imediata. Com seus cabelos brancos e um sorriso acolhedor, ela me contou como tudo começou. "No dia do meu aniversário do ano de 2021, em plena pandemia de Covid-19, numa segunda-feira fria e com o coração aflito diante da situação dos moradores da nossa ocupação, decidi fazer uma sopa para matar a fome e compartilhar esperança".

De lá pra cá, o projeto cresceu, conquistou parceiros e empresários dispostos a ajudar, muitas vezes de forma anônima, oferecendo a estrutura de uma cozinha equipada

e insumos para garantir a distribuição semanal da sopa no jantar das segundas-feiras e no almoço das quartas e quintas-feiras.

Para escrever essas palavras, me reuni com a Dona Selma em uma tarde ensolarada. Ela me recebeu com um gostoso café e pão de queijo, e adentrei o modesto espaço onde o projeto se materializa: uma pequena cozinha equipada com fogão, panelas, utensílios e freezer, montada em sua residência. É ali que mãos ágeis, suas e da sua filha, transformam ingredientes simples em refeições nutritivas, capazes de alimentar o corpo e aquecer a alma de dezenas de crianças.

Com seus olhos marejados, refletindo uma mistura de tristeza pelas necessidades não atendidas da vida e alegria pelo impacto do projeto, Dona Selma me contou sobre sua história, suas dificuldades, seus sonhos e sentimentos experimentados ao longo da trajetória dos seus 61 anos.

Selma Maria de Oliveira nasceu no dia 4 de junho de 1963, em Belo Horizonte, Minas Gerais, e aos 16 anos mudou-se para São Paulo, capital, onde trabalhou como empregada doméstica. Em 1991 mudou-se para Salto, já casada, em função de um desejo do marido, com dois filhos pequenos. Grávida de gêmeos, se divorciou e criou, então, seus quatro filhos sozinha, vendendo salgados pela cidade. Apesar da vida dura, repleta de adversidades, sempre sentiu um desejo imenso de ajudar. Aliás, ela diz que localiza esse sentimento em seu coração desde criança, quando, em Belo Horizonte, no bairro Pompéia, ajudava os vizinhos nas mais diversas necessidades da vida doméstica.

Quando pergunto o que a motiva a continuar, uma vez que a sua saúde demanda cuidados especiais desde que sua perna direita foi amputada há 7 anos, por conta de infecção

SELMA MARIA DE OLIVEIRA



Carlos Eduardo Ribeiro

que se agravou com a diabetes e a levou a usar cadeiras de rodas, ela responde sem hesitar: as crianças. Para Dona Selma, as crianças são “a menina dos olhos do Senhor” e, na sua fé, acredita e defende que só por meio delas a realidade pode ser transformada. Para reforçar sua tese, diz: “As histórias das crianças que frequentam o nosso projeto são dolorosas: muitas delas não recebem o mínimo necessário, porque os pais são usuários de drogas e não cuidam de seus filhos”.

A entrega de refeição para aproximadamente 80 crianças em uma favela, onde os desafios são tantos e as oportunidades escassas, se torna um oásis, onde além de matar a fome, crianças experimentam o significado da atenção e cuidado, dispensados em abundância pelo Coração Materno.

Mas nem tudo são flores. Dona Selma diz em bom tom que a nossa sociedade está cheia de gente oportunista, egoísta e maldosa. Ao longo desses três anos de projeto, foram muitas as pessoas que tentaram se beneficiar do seu trabalho, seja para projeção política, ou para ganhar vantagens ou reconhecimentos indevidos. E, nessas situações, o coração materno se faz vigilante e combativo: “ninguém vai usar o nosso projeto, não! Porque eu sou boa, mas não sou boba”, diz Dona Selma com consciência crítica e política de quem sabe como ninguém que cada rosto das pessoas que vivem na Ocupação tem uma história de resistência, luta e superação, e que romper ciclos de pobreza e desigualdade social perpassa por políticas públicas efetivas e não por promessas eleitoreiras.

Assim, o “Projeto Coração Materno”, que nasceu de uma iniciativa que parece simples, mas que é grandiosa em seu propósito, se ergue dia a dia como um farol de solidariedade e esperança, solidificado em disciplina e resiliência. Não são poucos os dias em que sua idealizadora se de-

para com a falta de ingredientes para as refeições e precisa recorrer aos pedidos de ajuda entre amigos e familiares.

É por essa sua garra, persistência e luta que, em tão pouco tempo de ativismo social, sua personalidade atraiu reconhecimentos e honrarias das instituições saltenses. Selma Maria de Oliveira recebeu, em janeiro de 2022, Moção de Aplausos da Câmara Legislativa que, no mesmo ano, a homenageou pelo dia das mulheres; em 2023, recebeu o troféu Zumbi dos Palmares, também da Casa de Leis e, em 2024, o seu projeto foi escolhido, entre muitos, pela 5ª Olimpíada de Reciclagem da Secretaria do Meio Ambiente, como entidade social merecedora da doação de alimentos arrecadados pelas escolas participantes da competição.

Portanto, e por todo esse percurso, podemos afirmar que um projeto social na favela não é apenas um ponto de partida, mas um compromisso com o potencial humano. É um lembrete de que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, há espaço para a esperança e para a construção de um amanhã mais promissor. É um testemunho da resiliência das comunidades e da força da solidariedade humana. E que pessoas como a Dona Selma são essenciais para que possamos construir futuros mais justos e acolhedores para as crianças que, um dia, serão as protagonistas de suas próprias histórias de superação.

MÉRCIA FALCINI é escritora, política e empresária. Pedagoga com pós-graduação em Teoria e Métodos de Pesquisa em Esporte, Lazer e Cidadania e especialista em Gestão Educacional. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 3 – Patrono Paulo Freire. Contato com a autora pelo e-mail: merciasaberes@gmail.com.

DONA LOLA

Katia Auvray

*Homenagem a Rita de Cássia
Nascimento, um exemplo de
fé e determinação*

INSPIRADA PELO DIVINO, médium ou vidente – como se referem a ela até hoje as centenas de pessoas que encontraram consolo nos seus conselhos e orações, Rita de Cássia Nascimento - a Dona Lola - trilhou seu próprio caminho com uma inabalável determinação e sem olhar para os lados.

Nem mesmo o episódio protagonizado pelo padre Mário Negro, então pároco da Igreja de Nossa Senhora do Monte Serrat, em Salto/SP, a desviou da missão que lhe foi confiada na infância, segundo ela, pelo Divino Espírito Santo: cuidar das pessoas.

Sempre afirmou ser católica, embora não frequentasse as missas. Visitava com frequência a imagem de Nossa Senhora Aparecida – a Mami, como amorosamente a chamava – instalada num dos nichos da igreja, até o dia em que o pároco a expulsou do local, afirmando que a “tocaria a chutes e pontapés se insistisse em voltar”. Não foi mais, mas permaneceu como dizimista da igreja até o dia do seu falecimento. Ela era assim. Não abria mão das suas convicções.

De fisionomia severa, era reservada, de fala mansa e baixa. Discreta, não gostava de ser fotografada. Os que conviveram com ela não se lembram de ter presenciado aborrecimento ou irritação. Sua coragem tinha como alvo o próximo, não só para consolar, mas, também, para ajudar os necessitados, como quando realizava, em outubro, campanhas para arrecadação de roupas, mantimentos e brinquedos para as crianças.

Azul é a cor da Serra

Era 24 de dezembro de 1928 quando nasceu Rita – a Lola, como o pai a chamava – no antigo “Patrimônio do Divino Espírito Santo de Serra Azul”, no estado de São Paulo. O singelo nome vem do contorno azulado da serra vista no horizonte.

O povoado surgiu a partir da doação de terras feita pelo Major Manoel Jacinto do Nascimento, em 1878, em torno de uma capelinha existente no local. Sete anos depois foi elevado a freguesia e, após duas outras doações, se tornou município, em 1927.

Daquele tempo sobrevive a minúscula capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida - a capela Baixão, na zona rural, que realiza anualmente procissões com grande afluxo de pessoas.

Se o senso do IBGE de 2022 registrou uma população de 12.746 indivíduos em Serra Azul, é possível imaginar que na década de 1920 – quando Rita nasceu – por ali haveria, se tanto, uma centena de almas e algumas propriedades.

Debaixo da mangueira

A filha de Júlio Nascimento, de São Sebastião/SP, e

DONA LOLA



Coleção de Gabriela de Andrade Alves

Maria Olympia do Carmo, de Serra Azul, não foi registrada no único cartório existente na região, em São Simão/SP, nem em outro qualquer ao longo da vida. Em sua Certidão de Óbito foi identificada apenas como “Rita”- sem RG e CPF.

Diferente dos outros seis irmãos e irmãs – José Júlio, Belmiro, Apolinário, Antonio, Sebastiana e Joana – Lola foi uma criança retraída que praticamente vivia em casa ajudando a mãe. Estudou até o segundo ano no Grupo Escolar, hoje E.E. Francisco Ferreira de Freitas.

Adolescente, não saía com as mocinhas da mesma idade, que a acusavam de se achar superior. Foi ridicularizada e sofreu agressões físicas, dada a sua insistência em afirmar que a sua missão na vida era ajudar as pessoas. Lola nunca se casou.

Foi lá, debaixo da mangueira, que contou ter visto uma luz e ouvido o Divino Espírito Santo lhe sussurrar sobre a sua missão. Demorou muito a aceitá-la.

Trabalhava como cozinheira na fazenda dos patrões e, depois, como doméstica em São Paulo. A mudança para Salto/SP ocorreu quando o irmão José Júlio lá se encontrava. A mãe chegou em 1972, após o falecimento do pai. Em tempos diferentes, os outros irmãos se juntaram à família, menos Sebastiana que permaneceu no sítio até seu falecimento. Hoje apenas sua filha Ana Lúcia Andrade mora no local.

Lola chegou ao município de Salto com cerca de 20 anos. Morou sempre com familiares mais os agregados que acolhia, no bairro Bela Vista, perto da caixa d’água, depois na Vila Nova, na rua Cesário Mota e, finalmente, na rua Bom Pastor, número 35, na Vila Flora – na casa construída

para ela pelo irmão Antonio, onde permaneceu por décadas, até seu falecimento em 27/11/2003.

Vida que segue

Vinha gente de Salto, Indaiatuba, Itu, Osasco, Valinhos, Limeira, Rio Claro e São Paulo para conversar com a Dona Lola. Nada era cobrado. No início não era preciso agendar. Bastava chegar e esperar. Quando adoeceu foi necessário organizar os atendimentos com hora marcada, registrados até hoje em cadernos espirais, assim como os agradecimentos dos que desejassem.

A casa simples sempre tinha alimento para oferecer aos que chegavam com fome: pão, polenta, café e chá. O dinheiro vinha da própria família e de doações. Contava com um quarto, cozinha, banheiro e sala, além de um porão, transformado em quarto para as crianças da família e chamado de Bethânia pela tia Lola.

Na sala, à direita de quem entrava, Antonio construiu uma capelinha, possivelmente em mármore. O ambiente irradiava paz e estava sempre aberto, menos durante a Semana Santa, quando Lola fazia seu retiro espiritual: entrava na Quinta-feira Santa e se isolava até o Sábado de Aleluia, alimentando-se apenas de pão e água.

O cômodo tinha um altar centralizado. Nele havia flores naturais – trocadas semanalmente – imagens variadas, um copo com água e uma bíblia com um crucifixo. Um Menino Jesus em uma manjedoura era visto do lado esquerdo de quem olhava o interior da capela. Muitas pessoas ali entravam antes de serem atendidas. Havia cadeira, cama de solteiro e travesseiro, que podiam ser usados enquanto aguardavam

Sentada na cama do seu quarto e com uma manta reco-

brindo as pernas, Lola recebia as pessoas invariavelmente com roupa e turbante brancos. Às vezes acrescentava uma peça azul ou roxa à vestimenta, de acordo com sua inspiração.

O cômodo era mobiliado com duas camas de solteiro, uma cadeira e uma mesinha com a imagem da Mami. A segunda cama servia a uma acompanhante, quando sua saúde exigia.

Era procurada por motivos variados: dúvidas, doenças físicas, emocionais, quebranto, questões espirituais, desemprego, mudança de vida e conforto para as perdas e mágoas. Pais levavam as crianças para serem benzidas.

“A gente levava as crianças lá, os bebês, tudo chorando e depois que ela benzia ficavam calminhos, pareciam anjos”

Manéco Padreca

Algumas vezes as questões eram de ordem espiritual:

“(...) Nunca pude imaginar que seria tão maravilhoso o que vi, porque encontrei as minhas respostas e o alívio para o meu coração.

(...) Agora sei que do outro lado da vida é melhor do que aqui, e sei também que as pessoas que amamos estão à nossa espera e estão com Deus.

Deus é luz e, através da tia Lola, eu pude ver como é maravilhosa essa luz.

(...) O que vi refletido na parede (...)

serviu de lição muito importante para os meus medos com relação à morte. ”

Cíntia

Lola fazia as orações baixinho. Suas orientações não eram diretas, mas ditas de maneira a serem compreendidas. Algumas vezes rezava levantando as mãos para o céu e dizendo “Ó, Ó...” como se falasse com seres vistos somente por ela. Em outras, orientava para práticas especiais:

“Conheci Dona Lola no ano em que fui candidata a prefeita de Salto, em 1996, junto com meu amigo, vice-prefeito na mesma chapa (...) Sem nos conhecer, Dona Lola mandou nos chamar.

(...) Recebeu-nos com um sorriso nos lábios e (...) disse ter um recado do mundo espiritual para nós.

Falou que todas as ‘pedras’ atiradas contra nós não deveriam ser devolvidas com outras pedras, e que a nossa resposta deveria ser com pétalas de flores. Orientou-nos a colher flores, tirar as pétalas e jogá-las na porta da casa de quem mais nos ofendia. (...)”

Marilena Matiuzzi

Desde jovem, Lola tinha a saúde debilitada: era hipertensa, cardiopata, teve câncer de mama e removeu um dos seios. Devido ao agravamento das doenças, havia dias em que não atendia, apesar da insistência dos necessitados. Os familiares assumiram o controle do atendimento marcando

do hora, além dos cuidados com a casa e com ela, como dar remédios e banhos.

Lola passou a atender apenas depois do almoço, recostada na cama. Comia pouco e parava de se alimentar quando estavam esperando por ela. Dizia sentir a aflição das pessoas.

Após sua morte, deixou a casa em doação para o Lar Frederico Ozanam. Rifado e, posteriormente vendido, o imóvel foi reformado e hoje é ocupado por um escritório de advocacia. A capelinha desapareceu sem deixar rastro, mas conservou no teto da sala as marcas da sua presença.

Não existe morte quando se habita a memória dos vivos e quando eles a registram. Lola vive nas lembranças de Anicleide Zequini, Gabriela Andrade Alves, Grace Kelly Andrade, José Roberto Benedito, Manéco Padreca, Maria Flora Nascimento, Marilena Matiuzzi, Micheli Calado, Salete Aparecida Di Lelo, Silvia Helena Castro e nas de outras centenas de pessoas a quem se dedicou.

Que a gratidão dos acolhidos ilumine o seu caminho!

KATIA AUVRAY é escritora e pesquisadora. Graduada em Estudos Sociais e em História. É autora, entre outros, do livro “Cidades dos Esquecidos - A vida dos hansenianos num antigo leprosário do Brasil”. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2013, onde ocupa a cadeira nº 16 - Patronesse Cecília Meireles. Contato com a autora: kauvray@outlook.com.

ENSINAMENTOS E APRENDIZADOS

João Marcos Andrietta

Ensinar é o dom de transmitir conhecimento. E aprender significa compreender aquilo que foi ensinado.

Diante da propositura desta coletânea anual, cujo título é “ELAS – Trajetórias femininas de coragem, resiliência e inspiração”, vale a pena conhecer a história de uma “Mulher Inspiradora” que disseminou muitos ensinamentos e suscitou profundos aprendizados, ou seja, Amábile Martignon Andrietta.

Amábile nasceu pobre em 7 de julho de 1916, na Fazenda Cruz Alta em Indaiatuba/SP. **“Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus” (Mateus 18, 4)**. Era filha de Antonio Martinhão (ou Martignon, ou Martignoni) e de Rosa Vincenza Rocco Martinhão, ambos italianos. Antonio veio da Itália ao Brasil com 16 anos de idade, trazido por seu pai Felice (viúvo), a bordo do *Vapor Isla de Luzon*. E vieram para trabalhar nas lavouras, como tantos outros imigrantes que se radicaram no interior paulista.

Amábile foi a caçula dos oito filhos de Antonio e Rosa. Em 1920, a família se fixou na cidade de Salto/SP, com o

objetivo de trabalhar na indústria de tecidos ítalo-brasileira Brasital. E, assim, passaram a morar na vila de operários da fábrica, visto que todos os familiares se esforçaram **“(...) para ter uma vida tranquila, (...) e trabalhar com as próprias mãos, (...) a fim de que andem decentemente (...) e não dependam de ninguém” (1ª Tessalonicenses 4, 11-12).**

Anos mais tarde, a moça bonita e elegante Amábile também foi trabalhar na Brasital – chamada “mãe de Salto”¹ – e lá conheceu Antonio seu primeiro namorado e futuro marido, sendo ela tecelã e ele escriturário. Nesse aspecto, considerando a formação católica e a vocação obreira dos dois, provavelmente evocavam: **“Consagre ao Senhor tudo o que você faz e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios 16, 3).**

Amábile e Antonio namoraram um ano e meio, depois se casaram – em 17 de junho de 1939 – na Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat, sendo celebrante o Padre João Couto. Em seguida, numa grande festa comemorou-se o início de um Sacramento do Matrimônio edificante que, indubitavelmente, despertou: **“É a voz do meu amado! Eis que ele vem (...). O meu amado me fala dizendo: ‘Levanta-te, minha amada, (...) formosa minha, e vem! (...) mostra-me teu rosto, deixa-me ouvir tua voz! Pois a tua voz é tão doce, e gracioso o teu semblante” (Cântico dos Cânticos 2, 8-14).**

O novo casal foi morar com os pais de Antonio, a fim de que Amábile cuidasse da sogra doente. Essa foi a primeira missão da jovem esposa, consciente do serviço a ser feito e de que: **“Só ele – o Senhor – cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas” (Salmos 147, 3).**

1 Brasital foi chamada “mãe de Salto”, pois proporcionou incontáveis benefícios à cidade.

AMÁBILE
ANDRIETTA



Coleção familiar

Após dez meses do casamento, Amábile deu à luz uma menina linda, batizada com o nome de Maria Inês. No entanto, o casal sofreu um golpe mortal: aos 18 meses de idade, a garotinha faleceu, vítima de pneumonia, pois ainda não existia penicilina. Então, Amábile e Antonio tiveram de enfrentar o luto: **“É necessário que eu me vá no apogeu de minha vida e de meus dias; para a mansão triste dos mortos descerei, sem viver o que me resta dos meus anos” (Isaiás 38, 10).**

A vida do casal Amábile e Antonio seguiu o seu curso e, ao longo do tempo, tiveram mais nove filhos: Antonio Joaquim, em 1942 (retirado com fórceps no hospital); Margarida, em 1943 (parto normal em casa); Maria Inês, em 1945 (parto normal no hospital); José Rubens, em 1947 (parto normal em casa, mas nasceu com problema ortopédico); Maria de Fátima, em 1949 (parto normal em casa); Luiz Rafael, em 1951 (parto normal em casa); Camilo, em 1953 (parto normal em casa, mas nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescoço); Paulo Roberto, em 1956 (parto normal no hospital, porém a Amábile teve eclampsia); e João Marcos, em 1960 (parto normal no hospital).

Considerando tamanha prole, gestações com partos de risco e o fato de Amábile e Antonio nunca terem usado métodos contraceptivos, temos de admitir que o casal possuía a virtude da fortaleza, porquanto: **“Sejam fortes e corajosos. Não tenham medo nem fiquem apavorados por causa delas, pois o Senhor, o seu Deus, vai com vocês; nunca os deixará, nunca os abandonará” (Deuteronômio 31, 6).** E também, foram testados na fé, levando em conta que: **“Eis que venho fazer, com prazer, a vossa vontade, Senhor! Esperando, esperei no Senhor, e inclinando-se, ouviu meu clamor. É feliz quem a Deus se confia; (...)” (Salmos 39).**

A história de Dona Amábile – como ficou conhecida – prosseguiu na educação e formação dos filhos (6) e das filhas (3). Desse modo, podemos imaginar como seria uma família tão numerosa, morando numa das casas grandes da Vila Brasital², com toda a sua filiação estudando no *Coleginho*³, mas, ao mesmo tempo, passando pelas influências do *Quintalão*⁴, e, ainda, administrando o orçamento familiar com apenas o salário do Antonio. Portanto, coube para Amábile inúmeras dificuldades, só que, além de fé extremada, ela tinha fervorosa esperança. Daí: ***“Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu” (Romanos 5, 3-5).***

Nessa dimensão, Dona Amábile enfrentava todas as adversidades e apoiava Antonio em seus ideais, como: trabalhar pela Igreja; coordenar o Coral; dirigir o jornal “O Trabalhador”⁵; agir na SSVP⁶; atuar no Sindicato dos Trabalhadores⁷; e operar na política⁸. Por essas motivações ela sempre demonstrou total brandura e cumplicidade, seguindo com o marido a lição bíblica: ***“Tu, porém, ó ho-***

2 A fábrica de tecidos construía casas para seus empregados, como a Vila Brasital no centro da cidade, formada por quatro quarteirões, com três tamanhos (pequenas, médias e grandes).

3 Coleginho é o apelido carinhoso da Escola Sagrada Família, situada no “calçadão” da cidade.

4 Quintalão é a denominação usada para chamar o espaço interno e comunitário das quatro quadras da Vila Brasital.

5 Antonio Andrietta foi diretor do jornal católico “O Trabalhador”, que existiu em Salt

6 Antonio foi Confrade Vicentino na Sociedade de São Vicente de Paulo - SSVP, entidade caritativa presente em Salto há mais de 100 anos.

7 Antonio atuou no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem.

8 Antonio foi candidato a vice-prefeito de Salto na chapa com o Dr. Mário Dotta, conceituado advogado saltense.

mem – e ó mulher – de Deus, (...) procura antes a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a constância, a mansidão” (1ª. Timóteo 6, 11).

Ainda nessa perspectiva, Da. Amábile – mulher do lar, fogão, pia, tanque e ferro de passar roupas – foi feliz do seu jeito, isto é, vivendo para servir a sua família. Eis a máxima virtude: ***“Irmãos, (...) sirvam uns aos outros mediante o amor” (Gálatas 5, 13)***. E, se não bastasse, quando ficava na janela esperando os filhos e filhas retornarem do trabalho ou da escola, acolhia com seu sorriso meigo os vizinhos e transeuntes, oferecendo a todos sábios conselhos, que marcaram a vida de muitas pessoas. Então, Da. Amábile dava provas do seu amor fraterno: ***“Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo” (Gálatas 6, 2)***.

Agindo desse jeito e com o passar do tempo, Da. Amábile foi ganhando a admiração das pessoas, tornando a janela (da rua) de sua casa um “confessionário”, visto que aconselhava a todos com docilidade, gentileza e cortesia. Além de fazer jus ao seu nome, ou seja, Amábile – igual – amabilidade, que significa: afabilidade, graciosidade e cordialidade.

Então, a Da. Amábile foi a mulher do bom conselho, atenciosa e hospitaleira, que estendeu o seu desvelo para fora da família, igualmente amplificou sua maneira de educar e formar pessoas com devotado acolhimento. Assim sendo, mulher compassiva: ***“Quanto ao mais, tenham todos o mesmo modo de pensar, sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes” (1ª. Pedro 3, 8)***.

Mas Deus, nos seus desígnios envoltos em mistérios, permitiu que fosse descoberto um câncer de mama na Da.

Amáбиле. Dessa forma, ela e a família sofreram revés devastador, porque a doença foi extremamente agressiva, tanto que “a senhora dos bons conselhos” faleceu em 11 de março de 1970, um mês após o diagnóstico fatal.

Certamente, Deus recolheu a Da. Amáбиле – “Biloca” na intimidade familiar – para ela descansar no Céu e não sofrer na Terra. E assim se consumou a promessa de Deus: **“Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Romanos 8, 18).**

Referências

LIBERALESSO, Ettore Liberalesso. **Famílias de Salto**. ed. revista e ampliada. Salto/SP: Editora Taperá, 2009, p. 94-97.

Carta-Histórico de Maria José Salvadori.

Entrevista de 45 perguntas com Maria Inês Andrietta; 17-05-2024.

JOÃO MARCOS ANDRIETTA é Mestre em Engenharia de Produção e foi empresário da indústria por 27 anos. Foi diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e está acamado há 14 anos. É autor de quatro livros (direitos autorais doados para instituições sociais). É Membro Honorário da Academia Saltense de Letras. Atualmente escreve artigos e palestras.

ENTRE ESPINHOS E ROSAS

Valter Berlofa Lucas

Uma história incrível de superação: perdeu a mãe aos 5 anos, o pai a entregou aos parentes, perdeu dois filhos, estudou e se tornou administradora de um hospital. Em suas palavras: “Trabalhar no hospital é minha missão”.

Uma garotinha valente, lá do Paraná, aos 5 anos perdeu sua mãe para o câncer. Ela e seu irmão mais velho tiveram suas vidas viradas de cabeça para baixo. Aos 7 anos foi entregue a parentes pelo seu pai, serviu de doméstica, amparada apenas por ser útil nos afazeres da casa. Mais tarde, aos 14 anos, foi levada para Indaiatuba, onde viveu na casa de uma tia. Ali começou a trabalhar em uma empresa têxtil; chegava em casa e ainda ajudava nos afazeres domésticos.

Já seu pai, nesta altura, tinha se casado de novo e mais quatro meios-irmãos surgiram. Ela, novinha, já tinha o senso de responsabilidade, de força interior: guardava seu rico dinheirinho e o dividia entre a sua tia e sua família. Envia-va, todos os meses, ao seu pai o suficiente para garantir o sustento de seus irmãos que moravam no interior do Paraná, pois ele mal conseguia alimentar seus irmãos.

Uma garota, cujo jeito simples e beleza marcante atraí-

am olhos de cobiça, por vezes seria assediada, mas sua fé e determinação a impediram de se desviar. Tudo era próprio para se tornar uma revoltada, até uma mulher da vida, mas, com sua personalidade ímpar, fez da sua vida um brado de superação. A vida bateu forte, a fez por vezes chorar sozinha em seu canto, sem um amor verdadeiro, sem uma mão, sem um colo aconchegante que a segurasse firme, mas não se deixou abater: buscou seu lugar por merecer.

Aos 18 anos, saiu da casa da tia e foi morar com umas amigas. Traçou suas metas, foi determinada, pujante nas decisões. O destino quis que se casasse. Pura ilusão: seu martírio sem fim continuou. Vieram três filhos maravilhosos. A filha Cintia foi levada ao céu dos anjos com 45 dias de vida, o filho mais velho – Guilherme – e André, o caçula.

O seu marido foi implacável, a desprezou, a ignorou, abusou da sua bondade, a fez sofrer, não correspondeu ao seu amor e carinho. No fim foi traída, o enfrentou, rompeu os laços do casamento. Ele queria tirar tudo dela e dos filhos, quase ficou sem um lar, a vida mais uma vez bateu forte, ela relutou, mesmo todos contra, não desistiu, não entregou os pontos, manteve seu lar.

Ficou sozinha, foi desafiada, subestimada, acusada de que não iria sobreviver sem alguém para sustentá-la e, mais uma vez, insistiu com garra. Voltou a estudar, fez o supletivo para o ensino médio, avançou na faculdade. No sacrifício como tantas outras mulheres, trabalhava de dia e estudava à noite, seus filhos foram praticamente criados pelos seus sogros. Veio a recompensa, formou-se como administradora de empresas. A essa altura estava empregada em uma clínica médica chamada Policlínica, onde trabalhou por 17 anos, até que a clínica encerrou suas atividades. Iniciou em um novo trabalho, no Hospital Nossa Senhora de Monte Serrat, em Salto, na área administrativa. Por seus conheci-

RAQUEL TIZZIANI



Coleção familiar

mentos e contatos na área de saúde, foi convidada a trabalhar na Unimed, aceitou e se tornou Gerente do Hospital, onde permaneceu por nove anos.

Pela força do destino, mais uma vez a vida bateu forte, veio a fatalidade, por motivos que vão além da sabedoria humana. Raquel havia adquirido um carro novo e presenteado seu filho Guilherme. No entanto, 15 dias depois, ele veio a falecer em um acidente automobilístico gravíssimo. No enterro, seu caixão precisou ser lacrado.

Dirigindo de madrugada, ele invadiu a pista contrária e bateu de frente com um ônibus rural. Além da perda do ente querido, ela sofreu um processo de indenização pelos prejuízos causados ao ônibus. Por anos, Raquel respondeu à Justiça, sendo condenada a pagar um valor considerável. Por motivos que não cabe expressar, o seguro também não a indenizou pela perda total do automóvel. Precisou arcar com o financiamento de 48 meses de um veículo zero quilômetro utilizado por apenas 15 dias.

Essa mulher ficou sem rumo, perdeu por um tempo o chão e a razão. Não entendia o porquê de tanto sofrimento. A angústia foi dolorosa, a saudade, sem dimensão, o choro alagou, por vários anos, a tristeza dessa mãe, num misto de dor, culpa e revolta. Foi quase insuperável.

Em meio a essa tempestade de emoções, ela se recompôs para seguir firme em busca de seus objetivos. Continuou estudando, aumentou seu currículo com mais três pós-graduações em especialidades hospitalares.

Após três anos do falecimento de seu filho, quis o destino cruzar nossas vidas e nos apaixonamos. Depois de três meses que estávamos juntos, ela foi dispensada da Unimed. Por questões de política interna, foi menosprezado

seu conhecimento.

Pouco tempo depois, foi contratada pela Santa Casa de Itu, sob a direção do grupo São Camilo. Lá ficou por um tempo e, logo depois, passou a trabalhar em uma clínica oncológica na cidade de Itu, onde se tornou referência.

Por onde passa, todos reconhecem seu profissionalismo, conhecimento na área e, principalmente, sua “humanidade”, ponto que destaco, pois essa mulher abraçou seu trabalho como uma missão, olhando para os menores, aqueles que, como todos sabem na área de saúde, não conseguem tratamentos, cirurgias, atendimentos. Ela não desiste, corre atrás, mexe os pauzinhos, em uma cruzada do bem, nos bastidores. Sem se promover vai conduzindo sua profissão com dignidade. Mostrando que existe alguém que enxerga o paciente diferente, traz a sensação de alívio, com um olhar de caridade, em meio a tanto sofrimento.

Sou testemunha das flores que recebe, dos presentes e cartões de agradecimento, do reconhecimento de gente que havia sido condenada a uma cama. Com seu olhar caridoso, move céus e terra para amenizar tal sofrimento. Vejo lágrimas em seus olhos, vejo angústia pela dor dos pacientes internados, mesmo aqueles que estão na recepção para serem atendidos, ali está ela atenta, buscando todos os dias alternativas para melhorar a qualidade. Briga com quem for preciso pela humanização no meio, é incansável. Não existe privilégio em seu vocabulário, todos têm direito a um tratamento digno.

Acompanho o carinho de seus colaboradores, a gratidão com que trata todos. Nos lugares por onde passou, as pessoas sentem sua falta, seu jeito enérgico, mas totalmente educado. Não consegue ofender ninguém; mostra a sua verdade, se posiciona, mas na sutileza. É justa, enérgica

e, ao mesmo tempo, delicada. Nunca fala alto, não agride, mas faz acontecer, pois é segura.

A grande pergunta é: onde vai buscar forças e por que não desiste? A resposta ela mesma já repetiu muitas vezes: “É minha missão”.

Hoje está na gerência administrativa de um dos maiores hospitais de Indaiatuba e região, o Hospital Oliveira Carmargo – HAOC. Já foi convidada, por duas vezes, para ser Secretária da Saúde de Salto, mas recusou, pois, sua praia é entre as paredes internas do hospital, não se importando com destaques, com palco, cunho político, com méritos reconhecidos. Comporta-se como uma figurante no oculto, quer distância do protagonismo, numa humildade que chega a ser irritante, como brinco às vezes com ela.

Atualmente está com um colorido especial: surgiu seu neto, o Lucas, filho do André, o caçula, e de Letícia. O brilho voltou aos olhos desta agora vovó. Tenho certeza de que essa nova fase lhe trará muitas felicidades.

Uma pequena que se agiganta, uma mulher de fibra, com marcas profundas, cicatrizes incuráveis, com um poder absurdo de recontar sua própria história. O impossível é seu alimento. É exemplo de mãe e profissional. Valente, fez do seu sofrimento um levante de superação. Esta é a minha esposa e Mulher Inspiradora Raquel Tizziani.

VALTER BERLOFA LUCAS é graduado em Administração. Estudou Filosofia no Seminário da Ordem Premonstratense. Atualmente é Administrador de Condomínio e Síndico Profissional. É autor dos livros “O vira-lata Sargento” e “Palavras soltas”. Integra a Academia Saltense de Letras desde 2019, onde ocupa a cadeira nº 27 – Patrono Luís Vaz de Camões.

GRATIDÃO AINDA QUE TARDIA

Francisco Carlos Garcia

*A saudade é o que faz as coisas
pararem no tempo.*

Mario Quintana

Na música “Meus tempos de criança”, Aaulfo Alves cantou sua saudade da professorinha que lhe ensinou o “bê-á-bá!” Eu também nunca esqueci da minha, mas lembrar é uma coisa, já exaltar, como fez Aaulfo, é outra. Transportando-me, então, pelo portal do tempo, dedico a ela este louvor agradecido: Bem-aventurada dona Olinda Hyppolito que, por gerações, foi muito além do bê-á-bá; somos gratos por sua alfabetização e conselhos, eles forjaram o alicerce do que nos tornamos!

Em tempos que eu ainda não sabia ler, outra frase da música “aos domingos missa na Matriz”, evoca minha mãe e eu, indo juntos à igreja rezar. Eu lhe perguntava como gente grande sabia o que estava escrito no folheto litúrgico e sua resposta sorrindo foi: – Em breve meu filho você vai aprender! De fato, logo nas primeiras aulas de Dona Olinda, a mágica aconteceu. Apesar das dificuldades de principiante, aquele bê-á-bá começava a fazer sentido e somou-se a tantos conselhos dela que se integraram em minha vida.

Alguns nunca esqueci: “desde pequenos, deveríamos ser solidários com os outros”. Ela nos propunha bons hábitos: “estudem diariamente, obedeçam a seus pais e professores, respeitem os mais velhos”. E até recomendações de boas maneiras ou higiene como: “a forma de nos sentarmos à mesa, a importância de escovarmos os dentes ou tomarmos banho, diariamente!”. Foi assim, mesclando lições da cartilha com valores, que ela nos marcou no período fértil de nossas vidas. O tempo passou e um dia, por curiosidade, somei os anos que passei em bancos escolares e levei um susto. Por quê?! Bem, “senta que lá vem a história”!

Diferentemente de hoje, os ciclos escolares iniciais tinham outros nomes: Primário, Ginásial, Colegial e, depois, Superior, Pós-graduação. Pois somando tudo, inclusive um ano no Jardim da Infância e outro quando reprovei em Latim, meu acumulado foi de 23 anos. Ou seja, dos meus 70 de idade, 23 deles (32% da minha vida), passei em bancos escolares. Seria ainda mais se eu somasse inúmeros cursos que fiz pelos Certificados que tenho. E pensar que tudo começou com Dona Olinda, numa saudade difusa, mas congênere à de Ataulfo Alves!

Enquanto aluno, sempre fui esforçado, mas mediano. Só me destaquei um pouco ao ser reprovado em Latim na primeira série ginásial. Eu tinha pouco mais de 10 anos e nem notei o contratempo na época. Só mais tarde percebi como aquilo contribuiu para o meu amadurecimento. Pois nesses tantos anos passados em escolas, eu contei quase 70 professores. Alguns marcaram e nunca os esqueci, já uma maioria se perdeu nas frestas do tempo. Para não ser injusto com os esquecidos, vale uma explicação antes de continuar.

Aos 12 anos, tive como professor de Geografia um padre belga do qual nunca esqueci o nome; preservo em

OLINDA
HYPPOLITO



Coleção familiar

dizê-lo, mas não ao fato que é o que interessa. Sua voz era grave, baixa, mais parecia zumbido de abelha. De fala monocórdica e sotaque carregado, suas aulas, às 14h, eram muito sonolentas. Da matéria – Geografia do Brasil – só me lembro dele falando “Lago Titicaca” que nem fica no Brasil. Imagine, então, de uma matéria semestral, só ficou isso e a voz sonífera. Por sinal, o livro adotado em 1966 era bem legal. Até conheci o autor 50 anos depois; eu professor na UniSant’Anna de Salto e o autor, Celso Antunes, era diretor em São Paulo.

O fato é que, quando eu era aluno, não existia a Usina de Itaipu, tanto que me lembro de fotos das Sete Quedas do Rio Iguazu! Não é estranho, então, pensar que, mesmo o material didático sendo atraente, eu só me lembre do nome Titicaca repetido à exaustão? Penso que você também teve um dia algum “professor Titicaca”, mas agora chega. Fiz minha fofoca e retorno à dona Olinda!

Eu estava com pouco mais de 5 anos quando tive meu primeiro contato com ela. Foi logo depois do Jardim da Infância. Estranhamente, de tantos professores que tive, ela foi a primeira e me marcou, pela junção de duas forças: sua capacidade educadora e minha predisposição infantil. Lembro-me dela entrando no primeiro dia em sala, circunspecta, mas serena. Digo isso hoje, mas na época não saberia o sentido dessas qualificações, bem como sequer imaginava a importância dela como educadora e conselheira. Já adulto, sempre que fui ao “Coleginho”, como chamávamos o Externato Sagrada Família, eu entrava na minha antiga sala ao lado do pátio. Imaginava-me sentado na que seria minha carteira e resgatava memórias daquele primeiro encontro.

Lembro-me do seu vestido marrom, dos seus cabelos grisalhos, dos óculos e, o mais incrível de tudo, consigo

ouvir sua voz. Essas lembranças líricas comprovam que, desde o primeiro momento, a escola é o ambiente ideal onde nascem as memórias afetivas da nossa infância. Não são lineares como num filme, mas de momentos facetados, agradáveis e nítidos. É o caso de eu me lembrar e sentir o cheiro de minha lancheira de lata, na qual, entre vários pássaros, sobressaía um tucano. Sinto o gosto de pão com margarina, ouço as gritarias no pátio e o silêncio dos imensos corredores do convento, hoje bem menores. O receio natural do novo que era a escola, logo foi preenchido pelas alegrias de novas descobertas.

Ouvi pedagogos dizendo que, primeiro nós aprendemos a ler o mundo e só depois os livros. Estranhei quando ouvi, mas depois concordei, pois, meu pai analfabeto e minha mãe mal passando do segundo primário, ambos em sua simplicidade, foram o primeiro livro vivo que nós, seus filhos lemos maravilhados. Em casa, aliás, só existia a revista “Família Cristã”, que minha mãe lia aos poucos durante o mês, até a chegada da próxima edição. Ela me mostrava fotografias, lendo abaixo o que estava escrito, e eu, quando sozinho, ficava imaginando o que estaria escrito sob outras fotos. Na época ela trabalhava na Brasital e eu ficava na casa vizinha da minha avó; eram tempos ainda que, nos fundos dos quintais, havia passagem entre as casas. E galinheiros!

Uma curiosidade das nossas memórias infantis; por exemplo, um dia fizemos algo que gostamos demais. Um passeio talvez. Lembrávamos e relembávamos aquela única vez que, parece que se tornaram muitas. Pois, estando na minha avó, eu via minhas tias lendo livros grandes de letras miúdas. Seriam mesmo tantas vezes? Ou muitos livros? Ou uma única que minha lembrança multiplicou? Foi assim que vi por lá, um dia, uma página perdida de um

gibi. Olhei tanto para aquele personagem sem saber que era o Tintin. Hoje tenho toda coleção e, entre os mais de 20 volumes, sei exatamente qual é a página onde o conheci. Isso é mágico!

Com mais um dos conselhos de dona Olinda, encerro esse fio de novelo de divagações, sobretudo pelo desdobramento de anos depois. Numa de suas primeiras aulas, solenemente ela recomendou “Quando vocês crescerem, nunca se esqueçam de me cumprimentar. Tive centenas de alunos e me entristeço quando alguns passam fingindo que não me viram ou que não me conhecem!”.

Décadas depois, eu passava na outra calçada, em frente onde ela morava, na rua Dr. Barros Jr. Ela estava na área distraída, olhando ao longo da rua. Não hesitei e atravessei para cumprimentá-la. Contei-lhe da lembrança que tinha e pedi se podia abraçá-la. Entre surpresa e emocionada, com os olhos visivelmente marejados, ela me disse: “É claro que pode, meu filho, muito obrigada! Eu sempre dizia a mesma coisa para todas as turmas, mas tenho certeza que você foi o primeiro que fez da forma como eu pedia. Você não sabe como isso me deixou feliz!” Percebi que ela não se lembrou de mim e que talvez já tivesse dito isso para antigos alunos. Pouco importa, o que vale é que eu nunca a esqueci!

FRANCISCO CARLOS GARCIA é professor do Ensino Superior. É graduado em Administração e Mestre em Gestão Estratégica de Negócios. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 13 – Patrono Monteiro Lobato. Contato com o autor pelo e-mail: francarcia@gmail.com.

HEROÍNA DO COTIDIANO

Toni Tordivelli

*Homenagem a Maria Sampaio,
a inesquecível Dona Mariquinha*

Era de estatura mediana. Mas, para mim, era gigantesca! Talvez não em estatura, mas como mulher. Semianalfabeta, mas sábia. Deixou, não só para mim, mas para toda a família, seu exemplo. Uma verdadeira matriarca, como aquelas mulheres do século passado que aparecem nos livros.

Ao contrário de muitas mulheres de seu tempo, não era submissa a seu marido. Respeitava-o, mas tinha sua independência e assumia seus atos. Era uma guerreira! Assim era Dona Mariquinha. Vida dura, como a de suas conterrâneas. Sem remuneração, sem carteira assinada, sem férias e sem regalias. Era cozinheira, lavadeira, passadeira e fazia compotas maravilhosas de tudo quanto era fruta: mamão, figo, manga, banana, carambola e morango, dependendo da época. Seus assados eram excelentes, principalmente o frango, recheado com farofa de farinha de milho e miúdos!

Torcedora fanática do Esporte Clube Noroeste, não perdia um jogo no Estádio Alfredo de Castilho, em Bauru. Alegre, contadora de piadas, nem sempre de salão, gostava

de cantarolar músicas de Vicente Celestino e de Orlando Silva. Gostava, também, de política, e votava sempre em Adhemar de Barros, seu candidato popular, não muito confiável, mas que, segundo ela, “roubava, mas fazia”!

O Rio Bauru era largo e não muito raso, nos idos de 1950. Suas águas claras recebiam muitas lavadeiras naqueles tempos. Os batedores de roupas se espalhavam pelo seu curso. O de Dona Mariquinha era o mais lisinho, quem sabe por tantas e tantas roupas lavadas nele. Logo de manhã, bem cedinho, lá estava ela, com suas “comadres”, separando e lavando a roupa das madames da cidade, e colocando para quasar no gramado, na beira do rio. Nós, as crianças, íamos junto com ela e aproveitávamos para nadar, pular e brincar no rio, bem abaixo de onde ela estava, para não turvar a água. Mas a brincadeira não demorava muito, pois logo era hora de ela preparar o almoço e irmos para a escola. Nem doentes éramos dispensados de ir às aulas!

Era constantemente chamada pela professora para comparecer à diretoria do Grupo Escolar. Eu era muito traquinas e falava sem parar, prejudicando os coleguinhas. Porém, era sempre a primeira da classe em notas, o que não me livrava de uma boa surra toda vez que a caderneta com as notas era dada na Reunião de Professores. A cinta, que era presa a um preguinho, atrás da porta, corria solta em meu lombo, mas, com orgulho, ela contava para as amigas o quão boa aluna eu era!

Dona Mariquinha era elegante. Gostava de roupas de linho e usava sempre o mesmo modelo, em várias cores. Saía e um blazer com bolsos, que eram providenciais em festas de aniversário e casamento. Neles, estrategicamente, colocava um saquinho de plástico, onde trazia bolo e salgadinhos, que seriam comidos no dia seguinte. Eu adorava essa prática!

DONA MARIQUINHA



Coleção familiar

Cultivava sua aparência. Gostava de pó de arroz e um pouco de “rouge”, o precursor do blush, que hoje usamos para dar à nossa face uma tonalidade rosada, saudável. Seus cabelos eram totalmente brancos, cortados “à la garçonne”, uma moda ditada pelas revistas O Cruzeiro e Manchete, comuns às atrizes e cantoras. Eram enxaguados com água e uma pedra de anil, para dar a eles uma tonalidade azulada. Dela herdei os cabelos brancos, mas não os enxáguo dessa maneira, e sim com um tonalizante que faz o mesmo efeito do anil de antigamente. Coisas da modernidade!

Já mencionei que era alegre, feliz e que gostava de cantarolar! Tinha uma paixão declarada pelos cantores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, especialmente Francisco Alves! Uma das poucas vezes que a vi chorar foi quando ele morreu em um acidente de carro na Via Dutra. Chorou de soluçar por vários dias! Foram dias de comoção. O país inteiro lamentou essa perda e ela não mediu esforços para comprar todas as revistas que noticiaram o fato.

Dona Mariquinha era intensa! Em tudo... nos amores, nos trabalhos, nas amizades... Casou-se três vezes! Tive irmãs dos dois primeiros casamentos e sou a única do terceiro! De brincadeira, eu perguntava se estivesse no céu, com quem ela ficaria... Com o marido número um, com o número dois ou com o número três, meu pai! Com uma sonora gargalhada, ela dizia: “com o aleijado de seu pai, que foi o único que me aguentou”, referindo-se à deficiência de meu pai que andava com um bom par de muletas.

Com sua irmã, Alice, minha tia, “trocava figurinhas”. Tomavam café juntas toda tarde e me levava junto. Eu gostava porque na casa da tia Alice, além de brincar, comia maçãs verdes de um pé que havia no quintal e um bom pedaço de pão com banha e sal, além de beber água gelada, pois a tia Alice tinha geladeira, coisa de rico, na época!

Só muito, muito mais tarde, quando comecei a trabalhar, é que realizei seu sonho de possuir uma Clímax! Mas ainda bem que realizei esse e muitos outros sonhos dela!

Depois de alguns anos de casada, eu a levei para morar comigo. Deixou sua Bauru amada, mas adaptou-se à minha vida corrida de professora. Curtia minhas festas, aposentou-se do fogão, mas ficou resmungona e brigava sempre com a empregada, que dizia que “redicava” comida! Claro que não era verdade! A pobre seguia minhas ordens, não a deixando comer um frango inteiro nem chupar vinte mangas. Sempre foi comilona! Mas, depois de uma certa idade, as restrições aumentaram, nem sempre por minha conta, mas por ordens médicas.

Não me lembro por quantos anos viveu comigo, mas sou grata por tudo que me ensinou e pelo mundo que me proporcionou. Foi minha musa inspiradora, encorajadora para romper barreiras no trabalho, meu modelo, minha razão de vida e digo, com muita honra, que me acham parecida fisicamente com ela. Tomara que seja verdade! Pode não ter inspirado muitas pessoas, mas para mim foi a parceira de Deus na criação do meu mundo.

Sua bênção, minha mãe, Dona Mariquinha!

TONI TORDIVELLI é professora de Inglês e cronista. Diplomou-se em Letras no Brasil e estudou no American Field Service, nos EUA, onde desenvolveu fluência em Inglês. Desde 2019 integra a Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 8 - Patrono Gonçalves Dias. Contato com a autora pelo e-mail: tordivelli@hotmail.com.

IRMÃ DULCE, A PRIMEIRA SANTA BRASILEIRA

Antônio Oirmes Ferrari

Preliminarmente, vamos esmiuçar o termo CARIDADE que, em síntese, foi o condão da vida maravilhosa da homenageada, marcada pela dedicação integral aos pobres e abandonados da sorte. Essa notável vocação já revelara aos 13 anos de idade.

A palavra CARIDADE tem origem no Latim – CARITAS, significando, no estrito senso do termo, amor, uma espécie de amor incondicional que, por sua vez, descende do Grego CHARIS, ao pé da letra quer dizer GRAÇA, a mesma origem de CARO, ou seja, aquilo que possui valor. Em Hebraico, a palavra que expressa o sentido de CARIDADE é “TZEDAKA”, que significa JUSTIÇA. Assim, por exemplo, alimentar um faminto não é um ato de condescendência, não é, na verdade, um ATO DE CARIDADE. É um dever de Justiça, no entender dos hebreus.

Quando surgiu a CARIDADE? Segundo dados históricos, desde 1498, em Portugal, quando da criação das Santas Casas de Misericórdia, a CARIDADE - já considerada um meio para salvação da alma e perdão dos pecados, ganhou essa nova Instituição para ajudar o ser humano a en-

contrar o caminho do céu e prestar serviços à humanidade.

O que é a CARIDADE para o Catolicismo? A CARIDADE aí é difundida como dever cristão, segundo a religião católica, que se expressa na experiência, na solidariedade em relação ao outro, que se encontra em situação de garantir sua condição mínima de sobrevivência.

O Espiritismo, por sua vez, o que diz sobre a CARIDADE? Segundo estudos concretos, o Espiritismo revela ao homem sua condição de espírito imortal e meritoriamente busca impulsioná-lo à doação de si próprio ao bem daqueles que dele podem obter o necessário auxílio. Quando o homem enxerga a vida como algo que passa, efêmera, o correr do tempo e o seu instinto natural de conservação lhe impulsionam ao egoísmo. Qual é a diferença entre AMOR e CARIDADE? O AMOR é sentimento, brota no ser humano espontaneamente. A CARIDADE, por sua vez, é a mobilização da vontade do ser por esse sentimento, para que aja e faça algo em benefício do próximo.

Qual é o verdadeiro significado de CARIDADE? É a virtude de amor ao próximo como amamos a nós mesmos. É a vontade de agir com quem precisa, sem interesse e sem nada esperar em troca. A CARIDADE é um princípio cristão construído há séculos, que se mantém sólido até os dias de hoje e para sempre.

Santa Dulce dos Pobres

Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, que mais tarde viria a ser a conhecida e amada internacionalmente Irmã Dulce, nasceu em Salvador, Bahia, no dia 26 de maio de 1914. Filha de família da classe média, seu pai, Dr. Augusto Lopes Pontes, era dentista e professor da Faculdade de Odontologia de Salvador. Sua mãe, a Sra. Dulce Maria

IRMĂ DULCE



Acervo de Obras Sociais Irmã Dulce

de Souza Brito Lopes Pontes veio a falecer ainda jovem, com apenas 26 anos, em 1921, quando a menina contava tão somente com 7 anos de idade. No ano seguinte, junto com seus irmãos Augusto e Dulce faz a primeira comunhão na tradicional Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador.

Desde criança, Maria Rita - a futura Irmã Dulce - sempre se preocupou em ajudar a população carente, contando com a influência direta da família, através da herança que seu pai deixou para os filhos que ela levou adiante, com apoio da irmã Dulcinha.

Já aos 13 anos, graças ao seu natural destemor e preocupação com o semelhante revelados, quando ainda era muito novinha, passou a acolher mendigos e doentes em sua casa, transformando a outrora casa da família, na Rua da Independência, 61, no Bairro de Nazaré, em Salvador, num centro de atendimento. O movimento cresceu e a casa ficou conhecida como “A Portaria de São Francisco”, face ao número de carentes que se aglomeravam a sua porta. É nessa época que a jovem manifesta, pela primeira vez, após visitar com uma tia áreas onde habitavam pessoas muito pobres, o santo desejo de dedicar-se à vida religiosa. Em 8 de fevereiro de 1933, logo após a sua formatura como professora, Maria Rita entra para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. No dia 13 de agosto de 1933, recebe o HÁBITO DE FREIRA das Irmãs Missionárias e adota, em justa homenagem a sua saudosa mãe, o nome de Irmã Dulce.

A primeira missão de Irmã Dulce como freira, foi ensinar em um colégio mantido pela sua Congregação, no Bairro da Massaranduba, Cidade Baixa, em Salvador. Entretanto, o seu pensamento estava voltado mesmo para o

trabalho com a pobreza. Em 1935, a incansável Irmã Dulce dava assistência à comunidade pobre de Alagados, que era um conjunto de palafitas consolidado na parte interna do Bairro de Itapagipe. Foi nessa mesma ocasião que começa a atender também os operários, que eram numerosos naquele bairro. Criou um posto médico e fundou a União Operária São Francisco, em 1936, primeira organização operária católica do Estado, que depois veio dar origem ao Círculo Operário da Bahia. Em 1937, Irmã Dulce funda, juntamente com o operoso Frei Hildebrando Kruthaup, o Círculo Operário da Bahia, que fora mantido com o que era arrecadado em três cinemas, que ambos haviam construído através de doações, o Cine Roma, o Cine Plataforma e o Cine São Caetano. Em maio de 1939, Irmã Dulce inaugura o Colégio Santo Antônio, escola pública voltada para operários e filhos de operários.

Digno de menção especial o ocorrido em 1939, quando Irmã Dulce invade cinco casas na Ilha dos Ratos, para abrigar doentes que recolhia nas ruas de Salvador. Expulsa desse lugar, ela peregrina DURANTE UMA DÉCADA, levando seus doentes por vários locais da cidade. Por fim, em 1949, a operosa Irmã ocupa UM GALINHEIRO ao lado do Convento Santo Antônio, após obter autorização de sua Superiora, com os primeiros 70 doentes. A notável iniciativa deu origem à tradição propagada há décadas pelo povo baiano, segundo a qual a corajosa freira construiu o maior hospital da Bahia, A PARTIR DE UM SIMPLES GALINHEIRO. Logo mais, em 1959, é instalada a Associação Obras Sociais Irmã Dulce e no ano seguinte é inaugurado o Albergue Santo Antônio.

A histórica obra da Irmã Dulce recebeu do povo baiano, de brasileiros de diversos Estados e de personalidades internacionais, excelente incentivo e reconhecimento.

Em 1988, ela foi indicada pelo então Presidente da República, José Sarney, com apoio da Rainha Sílvia, da Suécia, para o Prêmio Nobel da Paz. Anteriormente, no dia 7 de julho de 1980, Irmã Dulce ouvia do Papa João Paulo II, em sua primeira visita ao Brasil, o incentivo para prosseguir com sua obra. Quando da segunda visita do Sumo Pontífice, em 20 de outubro de 1991, este fez questão de quebrar o rigor de sua agenda e foi ao Convento Santo Antônio visitar a religiosa, cuja saúde se encontrava muito debilitada.

Irmã Dulce faleceu no dia 13 de março de 1992, pouco tempo antes de chegar aos 78 anos de idade. Durante o velório, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, pessoas de toda parte do país, políticos, empresários, artistas, se misturavam à dor de milhares de pessoas simples, humildes, que Irmã Dulce tanto ajudou. É de mencionar que a fragilidade com que viveu nos derradeiros trinta anos de sua vida – sofreu muito com setenta por cento da capacidade respiratória então comprometida – mas isso não veio a impedir que ela construísse e mantivesse uma das mais respeitadas e elogiadas instituições filantrópicas do Brasil, verdadeira obra de muito amor e carinho aos pobres, doentes e esquecidos da sorte.

Chamada de “O Anjo Bom da Bahia”, Irmã Dulce foi beatificada pela Igreja Católica, em 2011, e na última Cerimônia Pública de Canonização, ocorrida antes da pandemia de covid-19, em 13 de outubro de 2019, foi oficialmente tornada Santa pelo Papa Francisco. O Vaticano considera, oficialmente, que Irmã Dulce é a PRIMEIRA SANTA BRASILEIRA. Embora outras brasileiras e uma religiosa que atuou no país tenham sido canonizadas pela Igreja Católica, Irmã Dulce é a primeira mulher, nascida no Brasil, que teve dois milagres reconhecidos: a recuperação de uma pobre mu-

lher, tristemente desenganada depois do parto, e o segundo com um músico que pediu ajuda à Irmã Dulce e voltou a enxergar, após ter sido cego por quatorze anos. Ambos os milagres foram devidamente documentados. SANTA IRMÃ DULCE, SEU NOME SERÁ SEMPRE CARIDADE!

ANTÔNIO OIRMES FERRARI é graduado em Pedagogia, em Direito e em Letras, Catedrático de Português e especialista em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde é titular da cadeira nº 7 – Patrono Machado de Assis –, além de Presidente Emérito desde 2015. Contato com o autor pelo e-mail: aoferrari@uol.com.br.

MÃOS DE FADA

Anna Osta

*Este texto foi inspirado na
história de vida de
Antônia Tarocci Stecca*

Era uma vez uma Fadinha que nasceu em um pequeno povoado, aos pés de uma linda cachoeira. No percurso daquelas águas viviam bandos de taperás, “voando e cantando pra lá e pra cá!”. Entretanto, a pequena Fada viveu muitos anos sem saber quem, de fato, ela era, por causa de um feitiço que o Mago das Trevas jogou sobre o povoado, após saber do seu nascimento.

Para conhecer melhor essa história é preciso retroceder um pouco na linha do tempo, para quando a Fadinha habitava o Reino de Luz e era apenas energia. Essa condição permitia que ela estivesse em muitos lugares ao mesmo tempo e preenchesse espaços vazios com sua luz resplandecente. Por isso, ao ser informada de que precisava seguir para um intercâmbio, ela quis declinar por saber dos percalços a que seria submetida ao deixar o plano energético. Contudo, a Fada Madrinha explicou que sua formação estava completa e era preciso colocar em prática os ensinamentos aprendidos. Sem falar que intercâmbio era pré-requisito para que ela viesse a se tornar Fada Madrinha de algum aprendiz. Isso ocorria desde os primórdios dos tempos, quando se dera a separação entre

a Luz e as Trevas.

A Fada Madrinha também explicou que ela permaneceria em missão pelo período compreendido entre 14/06/1921 a 02/02/1997 e assumiria a forma física de uma mulher de baixa estatura, com olhos azuis e cabelos castanhos, cujo sorriso teria o poder de encantar as pessoas. Mas, sua verdadeira magia estaria no toque de suas mãos, que ela teria de usar apenas para fazer o bem. E, se algum desejo destoante brotasse em seu coração humano, ela deveria massagear a ponta dos dedos nas contas de um terço, entoando baixinho o mantra da Igreja Católica, que ela aprendera nas aulas sobre Religiões.

Fadinha tentou imaginar-se num corpo físico, com características humanoides, e achou aquilo muito estranho. Aprendera nas aulas de Antropologia que os seres humanos tinham movimentos limitados, não podendo existir fora do corpo físico. E, o que era pior, agiam de forma predatória com seres de outros reinos, porque acreditavam pertencer a uma casta superior: a de únicos seres pensantes no universo.

– Agora, dê-me um abraço e vá! – ordenou enfaticamente a Fada Madrinha, trazendo-a de volta ao momento presente.

– Mas – balbuciou Fadinha ciente dos desafios que teria pela frente – como faço para me comunicar com a senhora durante a minha missão?

A Fada Madrinha sorriu:

– Muito simples, querida aprendiz. Eu a visitarei em sonho! Porque a fluidez da nossa natureza etérea me permitirá chegar até você dessa maneira e, assim, mantermos contato.

ANTÔNIA
TAROCCI STECCA



Coleção familiar

– E a senhora ainda irá me orientar, mesmo que eu me perca ou, por engano, tome o caminho das trevas?

– Claro, minha pequena! A partir de agora, eu serei uma espécie de Anjo da Guarda, segundo o vocabulário dos seres humanos, protegendo-a quando necessário e soprando conselhos em seu ouvido, os quais receberá como uma inspiração.

Fadinha abraçou demoradamente sua Madrinha até sentir que eram uma só energia. E, assim, totalmente fortalecida, ela fez a travessia, do Reino de Luz para um mundo novo, através do Portal das Plêiades que, naquele dia em particular, abriu-se para as festividades a Santo Antônio no planeta Terra.

.....

Alfredo Tarocci, um jovem camponês, vivia dos produtos cultivados em sua pequena propriedade, nas margens do rio Anhembi - na língua tupi-guarani. Ele havia se casado com uma moça chamada Itália que, como ele, tinha imigrado para a América do Sul quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu no Velho Mundo. E, agora, ela estava prestes a dar à luz!

Alfredo entrou em casa carregando lascas de madeira para estocar na cozinha. Ainda faltava uma semana para o inverno, mas a incidência da radiação solar já parecia encolher, tornando a temperatura mais fria ao entardecer. Por isso, ele vinha recolhendo lenha há algum tempo. E assim, horas depois, a Fadinha do Reino de Luz nasceu neste planeta, embalada pelo calor das chamas do fogão a lenha, sob o nome de Antônia em homenagem ao santo casamenteiro.

Pouco tempo depois, a notícia daquele nascimento se

espalhou pelo povoado e cruzou as matas até chegar ao ouvido do Mago das Trevas, que já aguardava por aquele advento. Segundo a lenda, uma semana antes do solstício de inverno daquele ano, o Portal das Plêiades se abriria, permitindo a entrada de seres de luz no planeta. Para combater esse acontecimento, ele promoveu um eclipse solar e envolveu toda a região nas trevas. Embora o fenômeno causasse estranheza em alguns moradores, ninguém percebeu que, por trás daquela escuridão, havia um feitiço que limitava o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal.

Assim, a menina Antônia cresceu sem consciência de quem era!

Quando aprendeu a andar e a se movimentar sozinha pela casa, ela passou a ajudar a mãe. Inicialmente com coisas simples, como retirar a louça da mesa, varrer o chão, alimentar as galinhas – isso pra ela era um tipo de brincadeira! Depois, assumiu outras responsabilidades: retirar a roupa do varal, estender as camas, cuidar da horta e preparar a comida no fogão a lenha. Ela aprendia com muita facilidade e estava sempre disposta a ajudar.

A família Tarocci aumentou e Antônia ganhou duas irmãszinhas. Então, o pai incrementou as atividades com o cultivo da cana-de-açúcar. Durante a colheita, toda a família ia para o canavial. Primeiramente o pai promovia a queima da cana, depois Antônia e a mãe cortavam os caules com um facão. Na sequência, as filhas menores carregavam a cana até a carroça. Apesar das dificuldades, viviam em harmonia. Até que uma tragédia se abateu sobre eles: Alfredo foi picado por uma cobra venenosa e morreu aos 32 anos de idade.

Diante disso, a senhora Itália precisou da ajuda de meeiros para cultivar suas terras e, alguns anos depois,

recebeu uma proposta que mudaria a vida daquela comunidade. Um grande produtor de batatas da região, chamado Frederico Stecca, arrendou as terras para que o filho Ângelo também cultivasse o tubérculo, que era fornecido diretamente para atacadistas de São Paulo.

Stecca já era, então, uma família numerosa, que aportara no Brasil a bordo do navio Savoia, muito tempo antes, na época do Império. De procedência italiana, guardava em seu DNA a origem pré-colombiana asteca do Reino do deus Rá – ou deus Sol na língua hispana. Por isso, quando os jovens Ângelo e Antônia se apaixonaram, os raios do deus Rá entraram em combustão e reativaram a luz no âmago da Fadinha, desfazendo o feitiço que atuava sobre ela desde o nascimento. Mas, o Mago das Trevas não se deu por vencido e tentou separar o casal. E, quando o amor foi mais forte, ele tratou de levar outros dissabores para a vida deles.

Antônia e Ângelo contraíram núpcias em uma ensolarada manhã do dia 17 de outubro do ano de 1940, dois anos depois de terem se conhecido. Após o casamento, foram morar na fazenda do senhor Frederico Stecca, nas paragens do Rio das Capivaras. Ali viveram por 12 anos, até a saúde do velho Frederico ficar tão debilitada que morar na cidade facilitaria os cuidados médicos de que tanto precisava e, assim, mudaram para uma casa na Rua Rui Barbosa, em Salto.

Poucos anos depois da mudança, o senhor Frederico faleceu, e Antônia, que sempre teve as mãos cheias cuidando do sogro enfermo e dos filhos pequenos, viu-se então com algum tempo livre. Ela havia parido quatro bebês, mas apenas dois tinham sobrevivido.

A primeira filha morrera subitamente aos 4 meses de

vida (sim, a morte da bebê fora uma manobra diabólica do Mago das Trevas!). O segundo filho nasceu um tempo depois e recebeu o nome do avô materno, Alfredo, conforme instruções que Antônia recebera em sonho. A terceira filha, Antônia Salete, nasceu cinco anos depois, no dia em que se comemorava o santo casamenteiro e, também, a travessia da Fadinha para o planeta Terra - isso enfureceu o Mago, levando-o a ceifar a vida do quarto bebê de Antônia, ainda no nascimento. Porém, para sua surpresa, a dor de Antônia transmutou-se em amor universal, permitindo finalmente que ela recobrasse sua verdadeira consciência.

Depois dessa experiência transformadora, em que o amor pelas pessoas se tornou ainda maior, Antônia teve uma inspiração: deveria prestar mais atenção aos seus sonhos. E, como num passe de mágica, ela passou a entender de maneira clara o que sonhava, acatando as mensagens oníricas como uma ordem tácita. Foi assim que, a partir de então, Fadinha conduziu sua vida: em meados da década de 50, empreendeu uma atividade essencial para muitas famílias daquela cidadezinha, o fornecimento de alimentação saudável a preços acessíveis.

Antônia acordava às 3h30 da madrugada para dar início às etapas de preparação do cardápio planejado na véspera. A primeira coisa que fazia, assim que chegava na cozinha, era colocar a lenha no fogão e atear fogo. Então, com o fogão fumegando, sua segunda providência era passar o café no coador de pano. Depois de saborear sua caneca de café fresquinho, ela punha um panelão de água para ferver, separava e organizava os ingredientes e utensílios necessários para a execução do prato do dia. Carne de panela com batatas e frango em molho com polenta eram suas comidas mais populares! Ela também preparava diariamente diversos tipos de verdura, arroz e feijão. Em ocasiões especiais,

preparava cuscuz decorado com fatias de ovo cozido e azeitonas. Mas, a variedade do cardápio era enorme.

Para conseguir fornecer marmita a um preço módico, Antônia criava galinhas e cultivava uma horta variada no quintal de casa. E sabia como ninguém transformar o feijão do almoço em uma nutritiva sopa para o jantar, que alguns clientes retiravam no ocaso. Embora sua massiva clientela se concentrasse no horário da manhã, a partir das 10h30, também havia aqueles clientes solitários que pediam para ser atendidos no local, ainda que Antônia fosse bem restritiva quanto a essa prática. Afinal, depois de finalizar a entrega das marmitas, ela tinha de lidar com a pia de louças sujas.

Vale destacar que Antônia não tinha ajudante!

Claro que Ângelo, depois de cumprir uma jornada noturna de oito horas na Fábrica de Papel, sempre dava uma mãozinha para Antônia. Bem como os filhos, Alfredo e Salete. Porém, a maior parte do trabalho cabia a ela, e ela sabia que era assim que deveria ser, porque a arte do seu cozinhar exigia a alquimia das suas mãos de fada.

Antônia forneceu cerca de 220 mil marmitas por três décadas, de forma ininterrupta, cumprindo assim sua missão de alimentar o corpo e alma de todos os que a ela recorreram.

ANNA OSTA é jornalista graduada pela PUC-Campinas e escritora. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras, da qual foi presidente no período de 2015 a 2020. A sua patronesse na cadeira nº 2 é Rachel de Queiroz, que prefaciou seu primeiro livro: Betsy. Contato com a autora pelo e-mail: annaosta@uol.com.br.

MARIA: SENHORA SOBERANA

André Palhardi

Seus olhos ardiam como fogo, mas ela nem percebia. Estivera chorando por muito tempo. Aturdida, olhou para o alto e, ao dar de encontro diretamente com a luz do sol, eles se fecharam involuntariamente. Forçou os músculos contra o impulso de fechá-los. E venceu... ela sempre vencia... Queria estar presente ali com ele, tentando absorver seu sofrimento, como qualquer mãe faria por seu filho. “Que sua dor seja transferida pra mim”, ela rogava. Sabia que já não tinham muito mais tempo juntos e cada minuto que ainda lhes restava compartilhar era inestimável.

.....

Uma brisa soprou e num lapso recordou-se de sua infância. Ele tinha por volta de 5 anos. Era início do Sebate e logo as amendoeiras abririam suas flores, mas o frio ainda era dominante. Uma grande chuva acabara de cair e o fio de água que descia das montanhas e corria para o oeste estava com volume bem acima do normal. Esse pequeno riacho, depois de se juntar a outros, desaguava no rio Kishon, cuja foz ficava no Mar Mediterrâneo.

O menino gostava de brincar de represa com as águas

que corriam pelos estreitos depois das chuvas. Fazia várias pequenas barragens ao longo do fio de água que corria. Usava madeira, pedras, folhas, enfim... qualquer coisa disponível para juntar as poças d'água em um reservatório maior. Depois fazia lama nas poças e reforçava sua construção. No processo ele se sujava todo, o que usava como desculpas para depois rolar nas poças de lama. Estavam em um Shabat e ela, como mandava a lei, estava descansando e meditando. Já havia acendido as velas e preparado os alimentos permitidos para aquele dia. Aproximou-se do filho e, vendo que estava todo, sujo disse-lhe:

– Conheces muito bem a lei e sabes que não deverias estar fazendo isso hoje – e fitou o menino com olhar sério – Além disso, estás parecendo um animal selvagem todo sujo de lama...

Desviando o olhar da mãe, o menino pareceu não se incomodar com as palavras. Tocando a poça d'água com o dedo indicador disse:

– Limpa-te!

E as águas que estavam escuras e lamacentas ficaram límpidas e cristalinas. Ergueu o olhar e num balançar de ombros – como quem justifica a permanência ali por mais um tempo porque o argumento da mãe foi desfeito – voltou a mexer na lama.

Aturdida pela situação, ela se afastou um pouco, permitindo que o menino continuasse a brincar. Lembrou-se da visita que havia recebido anos antes daquele momento e as palavras que nunca esquecera lhe voltaram à memória: “Não tenha medo, você foi agraciada por Deus!”. Voltou então a observar o menino.

Com as mãos ele começou a moldar pequenas figuras

MARIA



Imagem de Domínio Público

semelhantes a pardais. Outros meninos que estavam por ali começaram a brincar com ele, fazendo cada um a figura que lhe vinha à mente. Ele continuou com os pardais. Sua mãe, atenta a tudo o que acontecia, percebeu que já havia completado uma dúzia dos pequenos pardais de lama. O menino enfileirou todos sobre um pequeno tronco, parecendo que estavam empoleirados em uma árvore qualquer.

– Mamãe! – chamou o menino que, percebendo a mãe por perto, apontou para os pequenos pedaços de lama moldada.

– Voai! – foi a palavra que disse em seguida, ao mesmo tempo que batia palmas. De imediato nada aconteceu, mas primeiro um, depois outro, e por fim todos os pequenos pedaços de argila – até agora inanimados – tomaram vida e saíram voando para as árvores mais próximas e gorjeavam estridentemente, como se a vida os tivesse preenchido por completo.

Num coro uníssono as demais crianças gritavam e aplaudiam: “Voai! Voai! Voai”

Aproximaram-se, então, homens que passavam por ali e, como pedia o costume do Shabat para resguardo e devoção a Deus, avançaram sobre as crianças para lhes aplicar um corretivo pelo descumprimento da lei... Ela, em um salto súbito, colocou-se entre o homem e seu filho, oferecendo-se como escudo para as pancadas que seriam destinadas ao menino e nesse momento voltou a si...

.....

– Voai! Voai! Voai! – percebeu-se gritando...

Olhou ao redor e viu que todos que estavam por ali olhavam para ela, sem entender a que se referia gritando

aquelas palavras. Mas ele sim... seu filho, ali perto. Ele sabia o significado daquelas palavras e, mesmo pregado à cruz, procurou e encontrou o olhar de sua mãe. Fitaram um ao outro por um tempo que, para ela, pareceu uma eternidade. Por um instante sentiu-se confortada e todo o sofrimento daqueles últimos dias desapareceu. Mesmo seu filho, que há pouco estava todo ensanguentado, agora lhe parecia límpido e cristalino...

– Como as águas que ele tocou! – balbuciou ela.

Sentiu novamente o peso de ver seu filho naquele estado. Teve ímpetos de tomar a frente de todos e arrancar aqueles pregos. Queria salvá-lo. Resgatá-lo. Abraçá-lo. Colocá-lo em seu colo e protegê-lo. Novas lágrimas surgiram em seus olhos, pois sabia que nada poderia fazer por seu filho. Sentiu-se impotente. A mais impotente de todas as criaturas. Uma escuridão repentina tomou conta de tudo. Um grande estrondo foi ouvido. Muitos gritaram e um tumulto começou a se formar. Por um tempo tudo era caos.

Ela sentiu uma nova brisa soprar. Um sussurro pareceu chegar a seus ouvidos. Parou por um instante. Seu coração estava acelerado. Aquela voz lhe era conhecida. Procurou por seu filho, mas estava muito escuro. Encontrou sua silhueta que parecia ter sido tomada de um leve brilho. Uma aura o envolvia. Enxugou as lágrimas e prestou mais atenção. Só assim conseguiu ouvir com clareza:

– Mãe, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.

Lembrou-se, então, de todo o tempo que permaneceram juntos. Daquele momento em diante não chorou mais. Lembrou-se dos ensinamentos de seu filho e decidiu que, mais uma vez, iria viver a fé que uma vez lhe havia sido solicitada. Ajoelhou-se e, de mãos juntas, começou a rezar.

Só os mais próximos a ouviam.

– Perdoa-lhes, Pai, pois são pecadores. Não sabem o que fazem. Perdoa-lhes agora, sempre ou mesmo na hora de sua morte.

Fez uma breve pausa. Respirou fundo e retomou...

– Perdoa-lhes, Pai, pois são pecadores.

E, repentina da mesma forma que a escuridão, a luz do sol brilhou novamente.

ANDRÉ LUIZ PALHARDI é professor e escritor. É graduado em Tecnologia Mecânica, além de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e MBA em Gerenciamento de Projetos. Desde 2015 é titular da cadeira nº 35 da Academia Saltense de Letras – Patrono Aluísio Azevedo. Contato com o autor: andrepalhardi@gmail.com.

MEMÓRIA FUTURISTA

Jean-Frédéric Pluinage

CENA 1: “A nova professora se apresenta”

INT. FACULDADE – NOITE

Corredores de um bloco da faculdade, de noite. Alunos e professores caminham e conversam entre si.

Personagens:

1. Lilian Solá Santiago (Documentarista, Professora de Cinema e produtora. Mestre em Integração da América Latina pela USP. Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais na ECA-USP, onde desenvolve o conceito de Documentário de Ocupação)

2. Alunos (Estudantes do CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – no campus Salto, no bloco da FCA – Faculdade de Comunicação e Artes)

CENA:

• Os novos professores estão se apresentando aos alunos.

• Lilian está de pé junto com seus colegas professores. Está com cabelos curtos e cacheados, uma longa saia estampada e um enorme sorriso.

• Os alunos se aproximam dos professores, observando a todos com curiosidade.

COORDENADOR: [*Gestos com as mãos*] E estes são os novos professores da nossa faculdade!

LILIAN: [*Passos para a frente*] Olá a todos! Eu sou Lilian Solá Santiago. [*Sorriso*] Estarei com vocês nas aulas de cinema!

ALUNOS: Uau! Que bacana!

Os alunos se entreolham entusiasmados.

[Sonoplastia: sons de burburinhos]

[Fade to Black]

Esta cena é a minha memória de como conheci a Lilian, no CEUNSP, em 2010. A faculdade de comunicação estava em seus anos iniciais e os cursos eram novos, com professores recém contratados. No início daquele ano, uma professora deixou a capital paulista para fixar residência em Salto e se tornar a nova professora de cinema.

No meio dessa energia – pessoas se conhecendo, o caos do mundo acadêmico, plena organização das aulas – aparece então o sorriso marcante dela. Com seu grande humor e alegria, Lilian lecionou para os estudantes de cinema em uma cidade que é marcada historicamente pela sétima arte na vida e obra de Anselmo Duarte. E para essa empreitada, ela já trazia em suas bagagens um enorme currículo: graduada e mestre pela USP, com passagens pela UFSCar e Cásper Líbero. Além do seu conhecimento acadêmico, havia a sua filmografia, com produções premiadas em grandes festivais nacionais e internacionais.

Meu bacharelado na faculdade foi em Jornalismo, logo, infelizmente, não pude acompanhar as suas aulas e aprender sobre cinema com ela. Mas, como redator-chefe

LILIAN SOLÁ SANTIAGO



Inaé Coutinho

do jornal O Arauto, publicação mensal do CEUNSP na época, pude acompanhar e noticiar sua trajetória profissional.

E foram várias as suas realizações. Em maio de 2010 – no mesmo ano em que Lilian entrava no curso de cinema – ela organizou a 3ª Mostra Espelho Atlântico, no Rio de Janeiro. Era o terceiro ano em que Lilian era responsável pela produção e curadoria de um dos mais bem-sucedidos festivais de cinema negro internacional realizado no Brasil. “A mostra tem como tema a África e a diáspora negra, temas que vêm da minha atração por diretores e elencos negros”, disse ela em depoimento para o nosso jornal acadêmico.

Lilian revelava, na organização desses eventos e na direção de seus filmes, uma linha fundamental do seu olhar: a memória. Não apenas a memória pessoal, mas uma busca pela ancestralidade que compõe a história sociocultural das comunidades negras no Brasil, e uma forma de reapresentar, reavivar essa memória com novas mídias e tecnologias, entre elas o cinema.

Um exemplo dessa memória para o futuro foi seu roteiro, “Eu tenho a palavra”, que foi selecionado pela Etnodoc – Edital de Apoio à Produção de Documentários Etnográficos – que apoia projetos que retratam o patrimônio cultural imaterial brasileiro. A história envolve uma viagem para o país de Angola na busca das origens africanas da cultura brasileira, caso do dialeto “língua do negro da costa”, que tem raízes em Angola, e ainda é preservado em vários quilombos e comunidades espalhadas pelo Brasil.

Como professora, Lilian ajudou na formação de diversos profissionais do audiovisual, incluindo o uso de uma produtora acadêmica, a Kimera Filmes. Ela também criou um grande evento na cidade, o “Curta Salto – Festival de

Cinema de Salto”, que desde 2014 realiza a divulgação e premiação dos curtas realizados pelos estudantes em eventos abertos ao público.

CENA 2: “Um olhar sobre a memória negra saltense”

EXT. PRAÇA – DIA

Praça da Matriz, em frente ao CEUNSP, com pessoas passeando pelo local.

Personagens:

1. Lilian Solá Santiago (Com um grande projeto na cabeça e um sorriso no rosto)

2. Jean (o autor desta crônica)

CENA:

• Lilian apresenta seu projeto que fará parte da reforma do Museu de Salto.

• O cronista ouve tudo entusiasmado.

LILIAN: Jean, como está? Preciso contar para você... Estou na organização de um projeto que fará parte das exposições do Museu de Salto, que está sob reforma. Chama-se “Casa da Memória Negra de Salto”!

JEAN: Opa, que legal Lilian! Me conte os detalhes...

LILIAN: Será fantástico. É um espaço físico com instalações multimídia que vão mostrar as origens e o cotidiano da comunidade negra saltense. Vai ter uma casa de pau a pique inteira! E *videomapping*, um espaço para crianças e muito mais. Gostaria que participasse como o assessor de imprensa.

Os dois seguem conversando sobre o projeto.

[Sonoplastia: sons de taperás cantando pra lá e pra cá]

[Fade to Black]

Em 2016, um grande projeto cultural foi financiado pelo Ministério da Cultura através da Bolsa Funarte de Fomento aos Artistas e Produtores Negros. A “Casa da Memória Negra de Salto” foi idealizada por Lilian Solá.

A casa foi inaugurada em agosto de 2016 e se tornou parte da mostra permanente do Museu da Cidade de Salto “Ettore Liberalesso”. O espaço conta com uma réplica de uma casa de pau-a-pique com mobiliário, fogão a lenha, oratório e outros objetos cênicos, que eram parte do modo de vida da comunidade negra saltense no século XIX. Todo esse resgate foi realizado a partir das narrativas da população local.

Murais e infográficos da mostra também revelam a diáspora dos povos africanos escravizados e levados para a América, Europa e ilhas do Oceano Atlântico, entre eles o povo Banto que entrou no Brasil entre os séculos XVI e XIX e que ocupou principalmente as províncias da região sudeste brasileira.

Em relação ao cotidiano de Salto, os visitantes descobrem uma história de intolerância: a segregação racial na cidade impediu que negros, mestiços e brancos, até a segunda metade do século XX, frequentassem os mesmos espaços nos momentos de lazer. Isso fez com que a comunidade negra de Salto desenvolvesse formas alternativas de diversão, como a criação da Sociedade Instrutiva e Recreativa José do Patrocínio.

A mostra se mantém viva e atuante até os dias atuais, sendo o espaço também usado para as realizações do “Sarrau Café com Pretos”, evento gratuito que ocorre sempre no último domingo de cada mês e celebra as expressões

artísticas e os laços da comunidade negra local.

CENA 3: “Rumo ao futuro”

INT. BIBLIOTECA – DIA

Biblioteca municipal de Salto, várias pessoas durante evento de lançamento de um livro em homenagem às mulheres.

Personagens:

1. Lilian Solá Santiago (Com mais projetos na cabeça)

2. Acadêmicos da ASLe (Academia Saltense de Letras)

CENA:

• Lilian e várias mulheres recebem exemplares do livro pelas mãos dos acadêmicos.

LILIAN: *[Com o livro na mão]* Mas estamos agora no futuro? Como assim?

JEAN: Sim! É a celebração da memória futurista!

[Lilian pega uma caneta e começa a escrever no capítulo que fala de sua vida]

LILIAN: Então vamos mexer nesse roteiro, porque tem muita coisa para comemorar ainda!

[Fade to Black e sobe letreiro]

[Sonoplastia: Sons de aplausos. Estudantes clamam o nome da professora]

FIM DA PARTE 1.

Filmografia

Balé de Pé no Chão – a dança afro de Mercedes Baptista, com Marianna Monteiro, 2005.

Família Alcântara, com o irmão Daniel Santiago, 2006.

Uma Cidade chamada Tiradentes, 2006.

Caminhos Preta (projeto Multimídia), 2008.

Graffiti, curta-metragem, 2008.

Roda o Tereré – A Erva-mate no Mato Grosso do Sul, 2009.

Eu tenho a palavra, 2010.

Batuque de Graxa, 2012.

Mulheres Bordadas – Fios do Passado, 2015.

QRcode para canal no Youtube:



JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE é professor e empresário do ramo editorial. É graduado em Jornalismo e em Design Gráfico, além de Mestre em Divulgação Científica e Cultural. Desde 2018 é titular da cadeira nº 26 da Academia Saltense de Letras – Patrono Sócrates. Contato com o autor pelo e-mail: jean@foxtablet.com.br

MEMÓRIAS DA SOLIDARIEDADE EM SALTO

Francisco Antonio Moschini

*Homenagem a
Aurelina Teixeira Campos*

Eu ainda não tinha 10 anos de idade. Na Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat existiam diversas irmandades. Uma era a Liga Eucarística que agregava crianças. Era dirigida pelas mães Filhas de São José: Davídica, Otília, Jordana. Na esquina da Praça da Bandeira com Monsenhor Couto (na época 7 de Setembro), à esquerda da igreja, residia uma senhora sempre vestida de preto, chamava-se Dona Aurelina.

No quintal daquela casa, existia uma pequena gruta de pedra em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes. Ao final das missas, Dona Aurelina abria o portão e muita gente, de modo especial as crianças, visitavam aquela gruta e faziam orações, o que mostrava a bondade daquela senhora.

Em 24 de agosto de 1934, foi instalado em Porto Feliz, sob a direção das Filhas de São José, o Colégio São José, com curso infantil e primário e que também era orfanato para meninas. (Essa escola ainda está em atividade com

ensino fundamental I e II e médio, tendo completado, em agosto passado, 90 anos de atividades). Naqueles anos, as escolas públicas eram raras, em Salto só tínhamos o GRUPO ESCOLAR TANCREDO DO AMARAL, instalado em 1913. Muitas crianças não conseguiam vagas e, assim, permaneciam analfabetas, muitas vezes até a fase adulta.

O Padre João da Silva Couto nosso Pároco, aqui chegado em 1926, era muito ativo, tendo mesmo construído a nova igreja em substituição à de Antônio Vieira Tavares. Sentindo essa situação de muitas crianças sem escola, e sabendo da criação do Colégio São José na histórica Ararituaba, trabalhou no sentido de que a Congregação das Filhas de São José criasse em Salto uma escola semelhante.

No dia 7 de novembro de 1936, chegavam em Salto as freiras italianas Dositéa da Re, Plaudila Sartori, Eugênia Vendrami e Otília Serafim. Na antiga Praça Paula Souza (hoje Pavilhão das Artes), Dona Aurelina era proprietária de um antigo casarão, o qual, como havia prometido, em 13 de novembro de 1936, data em que foi celebrada a primeira missa na nova escola, Dona Aurelina assinava a escritura de doação daquele prédio à Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, para ali ser instalada a Escola Paroquial Sagrada Família, onde funcionou até fevereiro de 1958, quando foi transferida para novo prédio situado à Avenida D. Pedro II, 804.

Também era de propriedade de Dona Aurelina a casa nº 524 da Rua 7 de Setembro (hoje Monsenhor Couto). Como sua residência ficava pouco além, na mesma rua, em 1934, ofereceu em doação aquela casa ao Padre João. Este sempre foi uma pessoa modesta, propôs que a casa não fosse doada a sua pessoa, mas à Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, com direito de ser sua residência e de seus familiares, o que foi feito. Hoje, daquela casa, só resta

AURELINA TEIXEIRA CAMPOS



Arquivo do Museu da Cidade de São Paulo

*Aurelina Teixeira Campos (centro) com familiares
na gruta existente no quintal de sua casa.*

a fachada. Ela foi demolida, mesmo estando em boas condições de uso. Havia ideias de, naquela casa, ser instalado o museu paroquial.

A Sociedade São Vicente de Paulo é uma instituição de assistência a pessoas e famílias pobres, fundada na França em 1833 por Antônio Frederico Ozanam e seus companheiros, hoje espalhada por diversos países. Em Salto foi criada a primeira Conferência Vicentina Nossa Senhora do Monte Serrat em 1917, portanto há mais de um século, tendo sido reorganizada em 1931 e em funcionamento até nossos dias, com mais de 150 elementos.

Em 1939, Dona Aurelina, sendo proprietária de uma quadra de terras formada pelas ruas Prudente de Moraes, Madre Isidora, Campos Sales e General Glicério, fez doação à Sociedade São Vicente de Paulo de Salto para ali ser construída a Vila Vicentina, com 36 casas destinadas a famílias pobres e sem recursos, concluídas em 1948. Hoje, naquele local, está instalada a sede da referida sociedade.

Pelo que relatamos, podemos considerar Dona Aurelina Teixeira Campos, uma das mais beneméritas senhoras da história saltense que, com desapego de seus bens, contribuiu para obras sociais de Salto, de modo especial àquelas ligadas a Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrat, sob liderança do Padre (depois Monsenhor) João da Silva Couto.

Podemos dizer que Dona Aurelina foi um exemplo inspirador para outros saltenses ao longo de décadas, beneméritos que têm feito valiosas doações para criação de escolas, de templos e ainda para diversas entidades assistenciais e de outras finalidades e mesmo de caráter científico.

Dona Aurelina Teixeira Campos, de tradicionais famílias saltenses: Arruda Teixeira e Almeida Campos, nasceu em 1879, foi casada com João de Almeida Campos e faleceu em Salto, no dia 12 de fevereiro de 1947, sepultada no Cemitério da Saudade, em Salto. É homenageada com seu nome dado a uma rua no Jardim São João, conforme lei municipal 1372 de 22 de fevereiro de 1990.

Bibliografia consultada

LIBERALESSO, Ettore. **Salto: História, Vida e Tradição**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

LIBERALESSO, Ettore. **Salto: História de Suas Ruas e Praças**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

FRANCISCO ANTONIO MOSCHINI é escritor e ativista na defesa das causas ambientais. Licenciado em Ciências Físicas e Biológicas e em Pedagogia. Desde 2021 é titular da cadeira nº 23 da Academia Saltense de Letras – Patrono Euclides da Cunha. Contato com o autor pelo e-mail: fa.moschinisalto@hotmail.com.

O FILHO DA MULHER DO CINEMA

Eloy de Oliveira

*Homenagem a Emília
Franco da Rocha Oliveira*

O susto de ver aquele homem saltar na sua frente quase a enfartou.

Não era comum às filhas de famílias mais abastadas de Pederneiras se defrontarem com os mais pobres da cidade.

Quando vinham à missa (era um domingo por mês), entravam pela porta principal da igreja na frente da praça. Essa porta dava acesso aos bancos mais à frente, separados para elas. Os pobres entravam pelas portas laterais. Não se encontravam nem antes de entrar nem depois de sair. E lá dentro eles ficavam na parte detrás, longe. Era proibido se aproximar. Ninguém quebrava a tradição.

Mas Dimas era diferente.

Sempre se arriscava mais e gostava de provocar os mais ricos.

– Quem é você? – ela perguntou.

– O filho da mulher do cinema.

– Que mulher do cinema?

– A mulher que limpa o cinema, a dona Prazeres.

O único cinema da cidade ficava em frente à praça da igreja.

Não tiveram tempo de continuar.

As irmãs e os irmãos mais velhos de Emília (eram outros dezessete na família toda, a maioria formada por mulheres), a levaram rapidamente da frente daquele rapaz de roupas simples.

Esse foi o primeiro encontro da minha mãe com meu pai na cidade onde nasci e o que deu início à união deles, em 1954.

.

Quatro semanas depois, meu pai repetiu o gesto.

Minha mãe sorriu impressionada com a ousadia.

Seu João, pai dela, percebeu a aproximação e interveio. Deixou claro à filha que não queria que se repetisse mais. Aquele filho da mulher do cinema tinha de permanecer afastado, ordenou.

O meu avô era um homem rígido.

Ao notar que não seria obedecido, pois minha mãe era determinada e havia mesmo se interessado por meu pai, ele a proibiu de ir à missa para que não se encontrassem mais.

Com dois meses de afastamento, o assunto fora esquecido.

EMÍLIA FRANCO DA
ROCHA OLIVEIRA



Era o jeito de resolver quando as ordens não eram obedidas.

Mas chegou dezembro e o clube da cidade havia programado um baile para se despedir do ano. Todos estavam animados para participar. Era um baile apenas para os ricos.

Ao saber que minha mãe iria, meu pai deu um jeito de estar lá.

Desta vez conseguiram conversar mais tempo e até dançaram.

Mas ele foi colocado para fora depois de tentar beijá-la.

Havia sempre muita gente vigiando as filhas das famílias abastadas da cidade, sobretudo para evitar o acesso dos pobres.

Seu João se irritou definitivamente com o assédio.

Dono de terras produtivas, ele já achava um prejuízo ter tantas filhas em vez de filhos, pois elas não trabalhavam na lavoura e a tradição mandava que o pai oferecesse um dote para o casamento.

As coisas ficariam piores ainda se o marido fosse alguém sem dinheiro como o filho da mulher do cinema.

Mandou que se fizesse um cerco em torno da minha mãe para que o abusado não se aventurasse mais. O distanciamento foi inevitável. Por mais ousado que meu pai fosse, não era suficiente.

Afastaram-se fisicamente, mas não emocionalmente.

.....

Meu pai era inclinado para a comunicação. Também era poeta e cantor sertanejo. Fez dupla com um dos seus dois irmãos.

Ao ver a ação do meu avô, ele se aproximou do padre e se ofereceu para melhorar o som dos alto-falantes da praça.

Tudo de graça, o que fez crescer os olhos do padre.

Assim que conseguiu acesso, assumiu o controle da execução de músicas que tocavam nos alto-falantes da praça, enquanto as filhas dos mais abastados tomavam sorvete depois da missa.

Começou a usar o microfone para oferecer músicas.

Os ricos escreviam em um papel o pedido e o entregavam a ele.

Logo começou a recitar poesias e a oferecer músicas para minha mãe e foi conquistando assim o coração dela devagar.

As irmãs e irmãos perceberam e contaram ao pai, mas não havia como impedi-lo, porque não estava se aproximando fisicamente.

Já havia se passado quase um ano daquele primeiro assédio.

Naquela aparição inesperada, quis mais chamar a atenção para mostrar que não gostava dos riquinhos, mas a visão da minha mãe o deixou impressionado e ele passou a repeti-la por causa dela.

Ela era uma mulher bonita, sem dúvida.

Aos seus olhos, ela era a mais bonita.

Minha mãe correspondia às tentativas dele de aproximação.

Acabaram se encontrando por causa das músicas e dos poemas.

Conversaram muito rapidamente.

A pressão contrária era grande.

Até que houve o dia em que se beijaram secretamente. Se ninguém viu o ato em si, os reflexos dele foram percebidos muito rápido.

Minha mãe não se continha para falar do filho da mulher do cinema e aquilo chegou aos ouvidos de seu João, que não gostou nada.

Ele a chamou e a interrogou sobre o acontecido.

Ela confessou que haviam se beijado.

.....

Meu avô percebeu que as coisas estavam saindo do controle.

Era preciso tomar uma atitude e ele a tomaria com rigor, como sempre fizera, fosse quem fosse a vítima.

Chamou minha mãe dias depois e disse:

– Eu avisei que não se aproximasse do filho da mulher do cinema. Mas isso de nada adiantou. Então agora não vou mais avisar.

– O que quer dizer?

– Que você não pode mais ficar aqui.

– E eu vou para onde?

– Vai atrás dele, já que quer tanto. Mas não leva um centavo meu. Não vou embonecar filha para vagabundo nenhum. Entendeu?

– Está sugerindo que eu me case com ele?

– Sim, ou então você se esquece completamente dele e não sai mais de casa. Vai ficar trancada aqui. Não quero ter filha desonrada.

– Eu não fui desonrada.

– Você me desobedeceu. Arque com isso agora. Um beijo é uma desonra sim. E eu nem sei se foi só um beijo.

Minha mãe começou a chorar, mas seu João não tinha o coração mole e não voltava atrás nas suas decisões.

As irmãs a consolaram e disseram que a ajudariam.

Na visita que fez à cidade naquela semana para buscar um corte de vestido no empório do centro, minha mãe procurou meu pai.

Contou-lhe tudo o que seu pai dissera.

De pronto, ele ficou assustado.

Não tinha dinheiro para um casamento.

Tampouco dona Prazeres deixaria.

O poeta, cantor e comunicador era arrimo de família e isto já vinha de longa data, pois meu avô, pai dele, morreu quando meu pai tinha apenas 10 anos e meu pai não gostava de estudar.

Seus dois irmãos fizeram o caminho inverso.

A ele restou então trabalhar para ajudar na casa.

Quando soube que o filho queria se casar e com filha dos mais abastados, dona Prazeres deu-lhe uma coça com fio de telefone.

.....

De nada adiantou a mulher que limpava o cinema tentar corrigir o filho, já que o dono de terras na cidade não queria mais a filha.

Casaram-se da forma como deu algum tempo depois.

Um tio de minha mãe ficou compadecido com a situação e cedeu uma casa usada antes pelo seu capataz na sua fazenda.

Realizou-se o sonho deles, mas não a realidade.

Meu pai não conseguia emprego bom em Pederneiras. A cidade era essencialmente agrícola àquela época. A única fábrica era a Clark, que produzia tratores. Mas para trabalhar lá era preciso formação e ele não tinha. Não restavam muitas opções.

Meu pai havia ajudado a fundar a Rádio Cultura de Pederneiras, onde chegou a trabalhar como comunicador e onde cantava com um dos seus irmãos, mas isso não rendia dinheiro suficiente.

Um ano depois do casamento veio meu irmão mais velho.

A situação piorava mês atrás de mês.

Meu segundo irmão veio um ano depois.

Eu nasci quando já havia se passado três anos do meu

segundo irmão. Minha família vivia o que eu chamei mais tarde o período das vacas raquíticas. Elas não eram nem magras de tão sofridas.

.....

Para resolver o problema, meu pai abandonou o rádio, a música, as poesias e se aventurou em uma viagem a Campinas. Foi em busca de emprego. Conseguiu vaga na Singer, na divisa com Indaiatuba.

Bem estabelecido, trouxe toda a família meses depois.

Nossa vida começava a melhorar com esse emprego.

Foram dez anos de trabalho ininterruptos que serviram para que o meu pai comprasse um terreno e construísse uma casa com sete cômodos no Jardim Santa Cruz, em Indaiatuba.

Meus irmãos mais velhos tinham até um quarto só para estudar.

Com o tempo e essa melhoria de vida, aliado ao fato de que os seus negócios não estavam tão bem mais, meu avô permitiu uma reaproximação gradativa com a nossa família.

Mesmo com a deserção e tudo que sofrera por ela, minha mãe não se negou a visitar seu pai nem nunca o impediu de ver os netos.

As viagens a Pederneiras se tornaram um presente de Natal para nós, crianças, porque, embora a vida tivesse melhorado, a vinda de novos irmãos foi tornando tudo cada vez mais difícil.

Em 1970, com muita dificuldade para sobreviver, mu-

damos de Indaiatuba para Salto em busca de novas oportunidades.

A partir de 1974 nos tornamos seis irmãos.

Meu pai arranjou emprego na Eucatex, onde trabalhou mais dez anos, e nossa vida começou finalmente a melhorar.

Meu avô vivia uma situação inversa em Pederneiras. Havia caído doente e prostrava em uma cama. Estava tão pobre que teve de morar nos fundos da casa de uma das minhas tias.

Seu João já era outra pessoa a essa altura. Estava mais dócil, mais coração mole, mais amigo. Só sorria pouco.

Talvez não se sentisse confortável com essa nova vida.

Em casa nunca se falou da deserção, mas todos sabiam.

Um dia, pela manhã, veio a informação de que meu avô estava morrendo e que queria ver a minha mãe antes de partir.

Todos nós pegamos um ônibus até Campinas no começo da tarde e depois um trem para Pederneiras. Chegamos à casa da minha tia quase duas da manhã. Meu avô estava no quarto com duas tias e minha avó. Minha mãe foi para lá e nós, as crianças, fomos dormir.

Quando a viu, meu avô arregalou os olhos com esforço. Ela segurou em suas mãos. Ele puxou o ar e pediu que ela o perdoasse pela deserção e por todos os seus erros com ela.

Pediu e ficou esperando a resposta.

Minha mãe chorou e disse que nunca teve mágoa dele e que se era um perdão que ele queria, que estava perdoado.

Ao ouvir o perdão, meu avô puxou o ar novamente e partiu.

Meus pais permaneceram casados até 11 de julho de 2017, quando foi a vez do meu pai nos deixar por conta de um infarto agudo.

E minha mãe nunca se arrependeu de ter escolhido o amor.

ELOY DE OLIVEIRA é graduado em Jornalismo, com Especialização em Gestão de Crise, além de escritor e gestor de marketing. Desde 2015 é titular da cadeira nº 31 na Academia Saltense de Letras – Patrono João Cabral de Mello Neto. Contato com o autor pelo e-mail: eloydeoliveira@gmail.com.

ODE DA PAIXÃO POR PEPITA

Alberto Manavello

Talvez o passar do tempo possa ofuscar seu semblante, apagar detalhes de suas andanças ou do seu peculiar palavreado, fruto dos vários idiomas que ela misturava sem temor. Mas essa mistura nunca conseguirá apagar, para nós, a lembrança de sua singular personalidade.

Josefa Certucha de los Ossoros, conhecida como Pepita, nasceu no País Basco, na cidadezinha de Elgoibar, a 30 quilômetros de São Sebastião.

Tive o prazer de perceber sua energia, de entender seus ideais juvenis, de compartilhar seu amor pelo estudo, pela cultura e pela família.

Mais tarde, solteira, jovem e bonita, viajou sozinha para conhecer o Novo Mundo, fixando-se em Montevidéu, no Uruguai. Foi dama de companhia de Rose, sua amiga, esposa do cônsul espanhol no Uruguai. Os dois a consideravam da família.

Ganhava um bom salário e enviava uma parte dele para ajudar a sua família na Espanha. O jeito fácil e tranquilo com que trabalhava lhe angariava a admiração de quantos a conheciam pessoalmente. Casada com seu grande amor,

Gino, teve duas filhas no Uruguai, Hortência e Elena.

A Segunda Guerra Mundial matou muita gente, mas Pepita vestiu uma couraça que a protegeu da angústia que sentia e a deixou mais resiliente diante de tantos sofrimentos.

Agora chegou minha hora de lembrar das coisas que ela me confidenciou e outras que imaginei estivessem no âmago de seu coração.

.....

Certa vez, Petra, sua mãe, pediu-lhe, pouco antes do meio-dia, o seguinte:

– Pepita, por favor vá na praça e pegue seu irmão Julian por uma orelha para não atrasar o almoço da família. Veja se para de consenti-lo e me ajuda a endireitá-lo.

Julian a viu de longe. Recolheu seus livros e tascou-lhe um sonoro beijo na bochecha. Pepita adorava seu irmãozinho e o protegia o máximo que podia.

.....

Num certo baile do clube, onde estive com a família, discuti com o padrasto porque ele tinha bebido muito e começava a ser inconveniente. O homem lhe dissera, na ocasião, que deveria se casar com Ramon, filho do amigo açougueiro, e que isso era do interesse da família.

Ela ficou furiosa, porque parecia que estaria sendo negociada por interesses comerciais. Na verdade, tinha gostado do rapaz que, formado como engenheiro em São Sebastião, não costumava erguer o nariz para se valorizar.

Naquela noite, Pepita teve dificuldades para dormir.

PEPITA



Coleção familiar

Vários acontecimentos não paravam de dançar em sua cabeça. Naquele mesmo baile, encontrara Rose, sua grande amiga e colega de estudos. Queria se informar com ela sobre os contratos de espanhóis dispostos a emigrar para o Uruguai.

Rose estava casada com o cônsul espanhol em Montevideu e embarcariam num navio dali a 45 dias. Grávida de dois meses, a amiga gozava de uma tranquila gestação.

Poucas horas depois, em sua casa, ela ouviu sua mãe reinando na cozinha e desceu para ajudar. Saudou-a e lhe disse:

– É bom que avise Firmin que terá que respeitar a minha vontade.

– Já passou da época de casamentos arranjados pelas famílias.

– O que acha mãe?

– Não tenha pressa eu falarei com ele.

Petra entendia a filha, mas não descartava os velhos costumes.

.....

Capítulo do fim da história?

Nos dias 8 de maio e 2 de setembro de 1945, no Japão, depois da explosão da primeira bomba atômica no mundo, finalmente terminava a Segunda Grande Guerra.

Cada país buscava forças para reconstruir seu próprio mundo.

.....

Giuseppe Manavello (Beppe) e Elena, filha da Pepita, perderam Giorgio, de 4 anos, vítima de meningite e se refugiaram perto de Treviso. Pouco tempo depois, um grupo de cientistas colocou no mercado a Estreptomicina que poderia tê-lo salvado. Ironia do destino!

Nesse tempo, Pepita passou a morar numa casa de montanha onde tinha se refugiado sua filha Elena, quase enlouquecida pela desgraça.

.....

Dias depois, sem saber bem o porquê, Pepita lembrou de sua viagem marítima e, especialmente, do oficial inglês, Robert Stanley, que se apaixonou por ela e fez palpitar seu coração emocionado.

Os dois, puderam curtir-se e dançar muitas vezes e ela teve que admitir consigo mesma que Robert a fizera sentir emoções antes desconhecidas.

Ao despedir-se no dia da chegada a Montevideú, ponto final da viagem, Robert estava com uma grande vontade de beijá-la.

Ela sentiu o mesmo desejo e ficou surpresa por isso.

O Oficial pediu-lhe permissão para visitá-la na casa do Cônsul Espanhol no retorno do navio a Montevideú, na volta de Buenos Aires.

Pepita aceitou e se despediu do Robert, feliz de ter concordado em reencontrá-lo. Não sabia como, nem por que, mas admitia que, de repente, tudo poderia progredir como um namoro. Mas, repensando com calma, surgiam fortes dúvidas. Ele estava sempre navegando!

.....

Conta Pepita, que numa manhã de março de 1946, Nino, seu filho, foi preso na porta de casa, por ter participado do julgamento e execução de quatro jovens guerrilheiros que tinham feito um atentado contra um General Italiano.

O advogado da família tentou impedir a reclusão do Nino, mas o juiz (inimigo?) não aceitou.

Pepita sentiu-se ultrajada pelo abuso. Dizia ela que o filho deveria receber medalhas pelos combates que viveu na guerra na Ucrânia.

.....

Todos sabiam da injustiça provocada pelos fanáticos que, durante o julgamento, gritavam: “Pena de morte”.

Nino e sua mãe, que esteve presente de pé o tempo inteiro, os envergonhava pela farsa que protagonizavam.

A sentença final liberou o Nino de qualquer culpa por ter cumprido seu dever na Corte Marcial.

Os fanáticos fizeram um coro dizendo: “Morte para o fascista!!!”.

Quando acabou o julgamento, Nino voltou a abraçar Elena, sua esposa, e sua mãe Pepita, admiradas pelos cidadãos de Treviso.

.....

Muitos anos depois de sua morte, Nino, filho de Pepita, deixou um legado que resultou numa tardia, mas belíssima, homenagem com o título de: “Olhando as fotos de Pepita”.

Começou assim:

Nossa mãe Pepita teve sua vida adulta inteira pautada por combates bélicos que sempre constituíram os mais marcantes eventos dela.

Já na Primeira Guerra Mundial, os rumos de sua vida de recém-casada foram profundamente subvertidos quando, em 1915, foi decidida a transferência para a Itália para ajudar a interesses familiares.

Na metade da viagem, empecilhos legais obrigaram o casal a uma proibida travessia no Sul da França e no Norte da Itália. Depois de muitas provações, chegou com as duas filhas à porta da desconhecida família do homem que havia desposado, causando um espanto geral.

Pouco depois, ela cometeu o erro imperdoável de dar à luz um filho homem, que poderia ameaçar os interesses gerais. O filho dessa “estrangeira” podia pôr tudo a perder!

Quando a guerra terminou, renasceu nela a esperança de recompor seu próprio lar feliz. Mas, passou a padecer das contínuas brigas pela defesa de interesses mesquinhos.

E, como se isso não bastasse, o homem que ela tinha muito amado, passou a, abertamente, não mais retribuí-la.

Toda a família lembrava que, na véspera do julgamento de Nino, Pepita deu-lhe uma recomendação precisa.

Disse-lhe: “Seja você mesmo. Nunca se desminta!!”.

E nunca saiu do lado dele, sustentando com muita força e dignidade o seu olhar para que não esmorecesse em momento algum.

.....

E, por fim, a mais cruel prova! A morte no campo de

batalha de outro filho, Ado. Isso provocou nela um obstinado sofrimento para encontrar seus despojos. Sofrimento que, poucos anos depois, lhe seria fatal.

Todos nós, mais jovens, vivíamos como se o tempo não tivesse fim e assim jogamos fora todos os momentos preciosos de sua presença.

Resta-nos a constrangedora certeza de não tê-la amado como deveríamos ter feito.

Hoje, pelo longo tempo transcorrido, agiganta-se a sua imagem, com a certeza de que ELA FOI, DE FATO, UMA GRANDE MULHER.

ALBERTO MANAVELLO é escritor. Nascido em Treviso, o italiano é seu idioma nativo. Autodidata, publicou, em português, quatro romances. Desde 2019 é membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 9 – Patrono José de Alencar. Contato com o autor pelo e-mail: a.manavello@gmail.com.

ONDE COMEM 10 COMEM 16

Maria Christina Noronha Liberalesso

*Homenagem a Vicentina
Correa Augusto*

E stávamos no início da década de 1960, em Salto, pequena cidade do interior de São Paulo, calma, pacata, com pouco mais de 15.000 habitantes. Sua população era voltada para o trabalho nas poucas indústrias que havia na região, a grande Brasital, a Têxtil Assad Abdalla e outras que estavam chegando, como Eucatex, Emas, Picchi, Sivat, e nas vinícolas, cerâmicas, pedreiras ou nos pequenos estabelecimentos de comércio.

No bairro da Vila Nova, bem afastado do centro, viviam muitas famílias, geralmente menos afortunadas do que as que residiam no coração da cidade. Lá, onde não chegava o calçamento, as pessoas, inclusive eu, tinham que sapatear por vários quarteirões no poeirão vermelho, ou pior, quando vinha a chuva, tinham que dançar no lamaçal e às vezes esborrachar-se no meio do atoleiro.

Quando nos deparamos com a pobreza, descobrimos que há níveis de carência, da mesma forma como verificamos que há níveis de magnitude e caridade.

As casas existentes no bairro eram simples. Sobre ca-

sas de comércio tínhamos a pequena venda do Gonçalo, onde havia de tudo um pouco, e bares que funcionavam até as dez ou onze da noite, onde os jovens se encontravam e se divertiam.

Em uma dessas pequenas casas morava a família de Vicentina. Ela, o marido Augustinho, o sogro Avelino e seus sete filhos: Benigno, Amauri, Marli, Adalberto, Celso, Maria José, conhecida por Zuza, e Ênio.

Vicentina, além de ser a faz-tudo da casa, trabalhava primeiramente como doméstica e, mais tarde, passou a ser merendeira na escola “Acyliño do Amaral Gurgel”.

O sogro Avelino, desempenhou por mais de trinta anos a função de lixeiro na Prefeitura da cidade e, depois, já entrado em anos e doente, ajudava no sustento da família capinando os quintais da redondeza, sempre com um grande sorriso estampado em um rosto que mostrava a felicidade pelo dever cumprido. À noite, contava histórias maravilhosas que a criançada da vizinhança adorava ouvir. Eu, na época com cerca de 10 anos, me sentava no chão, em frente à sua casa, com muitas outras crianças, para ouvir os contos fantásticos que nunca se repetiam.

O marido Augustinho era exímio sapateiro, porém alcoólatra, e todo o dinheiro que recebia gastava com o vício. Com o passar dos anos, já adoentado em decorrência da bebida, resolveu abandoná-la. No entanto, não mais trabalhou alegando que, se o fizesse, iria ter dinheiro e a tentação o levaria a beber novamente.

A família vivia com dificuldade. O filho mais velho de Vicentina, Benigno, tinha somente 17 anos, apenas Vicentina e Avelino trabalhavam e eram dez bocas para sustentar. Não podemos, no entanto, afirmar que não eram felizes.

VICENTINA
CORREA AUGUSTO



Na casa, um rádio estava sempre ligado, as crianças riam e brincavam muito com tudo o que ganhavam, cantavam e dançavam com as músicas tocadas. Quando ganharam um aparelho de TV, usado, foi uma festa tão grande que a pequenina sala quase explodiu de tanta gente!

A casa era pequena, uma sala acanhada, dois quartos, cozinha e um banheiro que ficava no quintal. Hoje fico pensando como tantas pessoas se acomodavam na hora de dormir e apenas uma explicação me ocorre: Deus deveria dar um jeitinho.

Um pouco além morava outra família. Como disse, nesse nosso planetinha Terra há vários níveis de pobreza, há muitos níveis de carência e essa família, sim, havia atingido o nível mais crítico. Era uma mulher, seu marido com esquizofrenia e cinco filhos, em pobreza extrema. Ivone – esse era o nome da mulher – estava tendo um bebê e morrendo no parto. Em seus últimos instantes de vida, chamou Vicentina, que era madrinha de um de seus meninos, e com suas poucas forças lhe pediu: **“Pelo amor de Deus, não deixe que separem meus filhos”**. Ivone partiu. A criança também foi levada para o reino dos céus. O marido de Ivone não suportou ficar com os filhos e foi embora.

Vicentina ficou com as cinco crianças de Ivone junto dela. Todas choravam muito, ainda não entendiam bem o que estava acontecendo, porém se agarravam à “madrinha” como se fosse o único porto seguro.

Pouco tempo depois, a casa já estava com muitas pessoas, o enterro foi providenciado.

Um dos meninos era lindo, cabelos e olhos claros, algumas pessoas se prontificaram a ficar com ele, a menina mais velha já era crescidinha, outros também disseram que

poderiam levá-la.

As crianças não desgrudavam da “madrinha”. Vicentina não abandonava os pequenos, embora sem saber ao certo o que fazer.

Todos eram muito novinhos precisavam de tantas coisas, todos necessitavam de bens materiais, seus olhinhos pediam carinho!

E a frase de Ivone queimava a memória, o coração e a alma de Vicentina: “Pelo amor de Deus, não deixe que separem meus filhos.”

As crianças foram levadas para a pequena casa de Vicentina. Lucy, a mais velha, tinha apenas 9 anos, depois, numa escadinha, vinham Amauri, Ademir, Vanderlei e Vagner, com apenas um aninho.

Os dias passaram. Vicentina amamentava seu filho de sangue Ênio, que estava com um ano e, também, o agora seu filhinho de coração Vagner, com a mesma idade.

A família crescera, o amor aumentara!

Os anos passaram, as crianças cresceram em um clima de muito amor e carinho. Todos estudaram. Todos trabalharam. Nunca houve diferença entre um filho de sangue e um filho adotado, sempre formaram uma verdadeira e linda família com quem tive a felicidade de conviver.

Quem, no entanto, está lendo esta crônica deverá pensar que cometi um erro no título, certo? “Onde comem dez, comem dezesseis”. A família de Vicentina era composta por dez pessoas, ela adotou cinco crianças, e então? Pois bem, dez anos após o episódio da chegada das crianças, o filho de Vicentina, Amauri, começou a namorar uma moça

que foi morar com ele e trouxe a filhinha Cristina, com nove meses. A mocinha ficou pouco tempo, desapareceu e deixou Cristina aos cuidados de Vicentina, completando assim o total de DEZESSEIS como consta no título.

No entanto, a vida de Vicentina não era apenas feita de trabalho. Ela era uma mulher alegre, em sua casa foram feitas as primeiras reuniões dançantes que deram origem ao Clube José do Patrocínio, como consta do material arquivado no Museu “Ettore Liberalesso”.

Na década de 1960 havia velada segregação racial em nossa cidade. Os negros tinham dificuldade em se tornarem sócios tanto do Clube Ideal como da Cooperativa Operária Saltense. Quanto ao Clube Ideal, consta que foram apresentadas pessoas com negros na família e que estas não foram aceitas por tal motivo. Quanto à Cooperativa Operária Saltense, em janeiro de 1966, três amigos: Benedito Antônio Silvestre, Dolivar de Camargo e Antônio Teixeira, por serem negros, foram barrados ao tentarem entrar em um baile.

Episódios, como este, lamentáveis, levaram à fundação da Associação Colored’s Club em 24 de janeiro de 1966, com sede na rua Marechal Deodoro da Fonseca, 1284, justamente na casa de dona VICENTINA CORREA AUGUSTO. Em 1967, acatando uma sugestão do deputado saltense Dr. Archimedes Lammoglia, grande benfeitor da sociedade, o nome da associação foi mudado para Sociedade Instrutiva e Recreativa José do Patrocínio, em homenagem ao grande abolicionista brasileiro.

Importante deixar claro que, embora tenha ficado conhecido como “Clube dos Negros”, essa associação sempre aceitou a entrada de pessoas de todas as etnias. O Clube José do Patrocínio destacou-se por seus famosos bailes,

desfiles e, principalmente, pela magnífica participação no carnaval de rua da cidade, onde Vicentina, durante toda sua vida, tomou conta da evolução dos passistas.

Assim foi a vida da magnânima Vicentina, que não apenas teve amor para dividir com seus filhos de sangue, mas, também, para dar para outros seis que dela precisaram.

Como o mundo seria maravilhoso se tivéssemos mais seres como essa mulher digna, não apenas de ser lembrada, enaltecida, mas que deve servir de inspiração para nós, seres humanos que vivemos hoje em uma sociedade tão dura, em que prevalecem os bens materiais. Se tivéssemos mais Vicentinas em nosso mundo, a bondade deixaria de ser uma utopia e passaria a ser a realidade com que tanto sonhamos.

E Deus fez com que a história fosse conhecida...

Em minha infância, ouvi, por vezes, minha mãe dizer que Deus tem Seu próprio tempo e que tudo acontece exatamente dentro do que foi por Ele programado. Pois bem, neste caso pareceu-me ter a comprovação.

No texto não cheguei a mencionar que tive a bem-aventurança e a honra de ser vizinha da família de Vicentina. Eu e Marli, sua filha, tínhamos exatamente a mesma idade, passamos juntas a infância, dividindo brincadeiras e perrengues. A vida nos afastou. Quando resolvi escrever sobre sua mãe, eu a procurei para conseguir mais informações. Ela continuava morando na mesma casa de outrora. Olhei, com saudade o local onde ficava a minha casa, hoje dois altos edifícios. Fui recebida com muito carinho, passamos horas relembando o passado e falando sobre o presente e o futuro, tomamos café e comemos o bolo que ela

havia feito. Minha amiga estava muito bem, apenas queixou-se de dor nos joelhos, muito natural para alguém com 74 anos, como eu.

Ela me forneceu os dados valiosos, aqui relatados, que farão com que as pessoas possam conhecer sua sublime mãe.

Dez dias após nosso reencontro, findou-se seu tempo entre nós e ela hoje deve estar junto com Vicentina no Reino dos Céus.

Estive pensando que talvez Deus, em sua imensa bondade e sabedoria, possa ter concedido mais dez dias para que a história pudesse ser contada...

MARIA CHRISTINA NORONHA LIBERALESSO é professora e advogada, pós-graduada em Processo Civil e em Libras. Tem surdez profunda bilateral. É autora do livro “Estudo Etiológico e Legistativo sobre a Surdez” e coautora, com Paulo de Tarso Liberalesso, das obras “Maçonaria, Manual do Iniciado” e “Propedêutica Médica”. Escreveu, com outros acadêmicos, “Sintonia de Almas”, além de ter participado de diversas coletâneas. É titular da cadeira nº 17 da Academia Saltense de Letras – Patrono Antoine de Saint-Exupéry.

RECEITA PARA UMA VIDA DOCE

Raquel Ferraro

*Homenagem a
Cleusa Maria da Silva*

Na cidade paranaense de Bandeirantes, entre estradas empoeiradas e sob o sol escaldante nos campos de cana-de-açúcar, viveu a menina Cleusa Maria da Silva. Ali, ela começou a construir os alicerces de seu doce império, onde o trabalho duro, a resiliência e o talento para adoçar a vida das pessoas se tornariam os principais ingredientes.

Quando se olha para Cleusa hoje, à frente da gigantesca rede de docerias Sodiê, fica difícil imaginar a jornada que a trouxe até aqui. Desde os seis anos de idade, assumiu responsabilidades significativas, cuidando dos irmãos enquanto seus pais trabalhavam na roça. Era ela quem preparava as mamadeiras e o mingau para a numerosa família. A responsabilidade e o compromisso precoces moldaram sua relação com o trabalho e seriam características fundamentais para seu sucesso futuro.

Aos 12 anos, perdeu o pai em um acidente e teve que enfrentar a dura realidade de sustentar uma família numerosa. Com nove irmãos e uma mãe lutadora a seu lado, ela

iniciou seu trabalho como boia-fria, com uma jornada de dez a doze horas por dia.

Naquela época, a família não comemorava aniversários nem conhecia festas. Não por falta de amor, mas pela simplicidade em que viviam. Celebrações eram um luxo distante quando o foco era a sobrevivência. Apesar das dificuldades financeiras, nunca passaram fome.

Na infância de Cleusa, a marmelada era o único doce ao qual a família tinha acesso. Ela conta com carinho que seu pai utilizava a lata vazia dessa iguaria para preparar três sardinhas, que eram divididas entre os pais e seus dez filhos. Isso ilustra a prática da economia e do compartilhamento que permeava suas vidas.

Aos 13 anos, foi trabalhar como empregada doméstica e, depois, como ajudante geral em uma indústria, na cidade de Salto/SP. Entre o cansaço da jornada de trabalho pesado e os poucos momentos de descanso em casa, ela preparava bolos para complementar a renda. Os primeiros clientes eram amigos, vizinhos e conhecidos, que provavam suas criações e se encantavam com a delicadeza e o sabor único de seus doces.

Com a coragem que só os que conhecem a dureza do trabalho pesado tm, Cleusa decidiu arriscar tudo em um sonho aparentemente impossível: abrir sua própria doce-ria. A ideia era oferecer bolos de qualidade a preços acessíveis, conceito que permanece até hoje.

Com modestas economias e o apoio de familiares, inaugurou sua pequena loja em Salto. Era um salto para o desconhecido, uma aposta ousada, mas seu coração, tão resistente quanto o solo que lavrou por muito tempo, estava determinado a crescer e prosperar.

CLEUSA
MARIA DA SILVA



Divulgação

Os primeiros anos foram desafiadores, com poucos clientes e muitos obstáculos financeiros para superar, mas ela perseverou. As lições aprendidas nos campos de cana-de-açúcar, onde cada mudança de estação trazia novos desafios, guiaram sua trajetória empresarial. Sua trajetória era marcada pela perseverança. Era preciso resistência diante das adversidades que surgiam. Cada colheita, cada dia vencido era uma conquista pessoal. Cada momento de descanso entre os turnos, uma oportunidade para recarregar as energias para o próximo desafio.

Cada dia trazia consigo não apenas a promessa de um salário modesto, mas também a certeza de que a fadiga seria sua companheira constante. O segredo de seu sucesso não estava apenas nos bolos irresistíveis que preparava. Estava na história que esses doces contavam: a história de uma menina que cresceu aprendendo a dureza da vida e as lições da terra e da natureza implacável. Sua jornada não foi apenas de trabalho, mas de muita esperança.

Ela desafiou as expectativas e os limites impostos às famílias de baixa renda em um país onde a ascensão social é uma raridade. Cleusa ousou sonhar com um futuro diferente, muito além das circunstâncias impostas pela vida. A Sodiê Doces não é apenas uma confeitaria: ela é o legado de uma mulher inspiradora, forte e visionária.

A expansão da rede de franquias da Sodiê Doces foi impressionante, alcançando não apenas diferentes estados brasileiros, mas também estabelecendo presença internacional com duas lojas nos Estados Unidos. A previsão é que, até o próximo ano, a rede contará com 400 lojas, sendo um exemplo notável de empreendedorismo brasileiro, proporcionando oportunidades de emprego e crescimento para muitos ao longo do caminho.

Assim, entre os campos de cana-de-açúcar de sua infância e o sucesso de suas lojas, Cleusa escreveu sua própria história. Uma história inspiradora que, como um bom doce, é para ser saboreada devagar, apreciando cada camada de esforço, cada gota de suor e cada pedaço da doce felicidade conquistada.

Cleusa Maria da Silva honra sua origem humilde e é um raro exemplo de que, com determinação, coragem, muita luta e um toque de doçura, é possível transformar os desafios da vida em oportunidades e sonhos realizados.

RAQUEL DE TOLEDO CAMARGO FERRARO, graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e especialista em Marketing e Vendas. Atuou em vários veículos de imprensa da região. Foi professora universitária por mais de 20 anos. Desde 2021 ocupa a cadeira nº 28 da Academia Saltense de Letras – Patrono Eça de Queiroz.

UMA JORNADA DE FÉ E CARIDADE

Augusto Gasparini Filho

*Homenagem a Antonietta de
Campos Buldrim Sontag*

A Academia Saltense de Letras lança uma nova coletânea e nos proporciona, dentro do tema “mulheres que inspiram”, a possibilidade de expressarmos sobre uma verdadeira mulher, de alma e coração voltados para o próximo; e não lhe importava a distância.

O tema nos dá a graça de falarmos sobre uma criatura cujos olhos sabiam distinguir a miséria dos pobres e cujas mãos se abriam para ofertar a riqueza do pão de cada dia.

Sabemos que a vida do ser humano é feita de momentos, ou seja, na vida existem momentos para tudo. Momentos para sorrir, para chorar, para cantar, para pedir, para ajudar, para o trabalho, para o lazer e, também, para descansar ou curtir aquilo que mais se gosta e ser feliz. Momentos outros existem, talvez nem imaginados, que permeiam a vida de tantas pessoas a habitar este planeta, às vezes tão confuso, em função de ideias e atitudes que acabam por gerar desentendimentos que alavancam lutas entre os próprios seres, quase sempre na busca incessante

de conquistas, não se importando com o sacrifício de famílias inteiras que são sugadas pelos malefícios impetrados pelos mais poderosos.

E na questão humanidade, quantas pessoas nascem, crescem, vivem e morrem de forma indiferente, ou seja, passam pela vida, mas não vivem; ou vivem exclusivamente para si, sem se importar com o próximo (por mais próximo que possa ser), e, talvez, vivam sem mesmo dar um simples aperto de mão diante de tantas oportunidades. E essa diferença muitas vezes se explica pelo nível social ou pela vida enraizada nos bens materiais. Pessoas indiferentes a tudo, sem sequer dar um sorriso ou elogiar alguém.

Entretanto, outras pessoas passam pela vida predestinadas a fazer o bem e, ao partir, deixam as pegadas de um trabalho voltado aos mais necessitados, sem se preocupar com a origem, a raça, o credo ou a cor da pele.

Estamos falando de Dona Antonietta de Campos Buldrim Sontag, uma das mais divinas criaturas que tivemos a felicidade de conhecer. Natural da cidade de Itapetininga, estado de São Paulo, nascida no dia 19 de outubro de 1916, foi a terceira filha do casal Francisco Baggio Buldrim e Adélia de Campos Buldrim. Foi professora estadual e além de nossa cidade militou também em Indaiatuba, São Miguel Arcanjo, Presidente Prudente e Eldorado Paulista.

De forma definitiva estabeleceu-se na cidade de Salto, para lecionar nas escolas rurais do município, como as localizadas nas fazendas Santa Cruz e Pedra Branca. Por coincidência do destino veio a aposentar-se na mesma escola onde havia lecionado pela primeira vez; a Escola Tancredo do Amaral, por sinal, a mais antiga da cidade de Salto.

ANTONIETTA
SONTAG



Coleção familiar

Casou-se com o saltense Joaquim de Arruda Sontag, e a graça do matrimônio lhes deu três filhos: Maria Antonieta Buldrim Sontag (falecida), mãe de Ana Paula e Ana Júlia. Amílcar Antônio Buldrim Sontag, casado com Maria Cristina Pouza Sontag, pais de Gabriel e Heloíse. Aníbal José Buldrim Sontag, casado com Maria Helena Françoso, pais de Thiago e Lucas.

Como católica fervorosa, participou desde a fundação do movimento Legião de Maria ou Congregação das filhas de Maria, tendo exercido a função de Presidente por diversas vezes, aliás, até o seu falecimento. Com sua humildade ganhou plena confiança e respeito de todo o grupo, que via em Dona Antonietta um exemplo vivo de fé cristã.

Nas escolas em que lecionou como notável professora, aderiu, também, a divina função de catequista e futuramente, já aposentada, continuou a ministrar aulas de catequese em sua residência, preparando muitas crianças para a primeira comunhão, pois nem mesmo o passar do tempo e o avançar da idade foram capazes de fazer com que Dona Antonietta se acomodasse.

Aliás, encontrava forças na alma e no coração, sempre ardentes na fé, cujo ensinamento baseado na sagrada escritura, proclamava a palavra de Deus, no anseio profundo de fazer de cada participante da catequese um autêntico discípulo do Senhor.

Ao lado do seu amado esposo Joaquim de Arruda Sontag, quando Presidente do Rotary Club de Salto, Dona Antonietta não vacilou em assumir a Presidência da Casa da Amizade do Rotary, onde eram desenvolvidos os trabalhos em prol da comunidade.

Professora dedicada e muito querida pelos alunos,

seu patriotismo a levava a organizar com primor as festividades alusivas ao dia 7 de Setembro e demais datas marcantes inseridas no calendário da Escola Tancredo do Amaral. Ao antigo processo da velha caneta, cuja pena era mergulhada no fundo do tinteiro para dar vida às palavras que se transformariam em frases, ainda ao tempo do mata-borrão, do quadro negro e do apagador que soltava leves resquícios de poeira, lá estava Dona Antonietta, sempre prestativa, levando a luz do saber.

Sua participação ativa na igreja católica promovia a arrecadação de alimentos e muitos presentes que eram distribuídos por ocasião do Natal, entre as pessoas carentes. Ainda pela sua caridade, os idosos do Lar Frederico Ozanam eram brindados com presentes por eles próprios escolhidos, doados por pessoas que Dona Antonietta convidava a participar, para que o Natal tivesse o verdadeiro sentido de partilha. Socorreu muitas famílias necessitadas, fornecendo alimentos ou outro tipo de ajuda, mas sempre se fez presente na mesa do pobre. Seu semblante transmitia bondade e caridade em cada palavra e em cada gesto.

Residia no centro da cidade e no início de cada dia notava-se a fila de pessoas à porta de sua casa para receber o café da manhã ou o próprio almoço, que pacientemente providenciava. Teve uma vida de extrema dedicação à família, à igreja católica e aos necessitados. Ainda com idade avançada e até doente, promoveu em seu último ano de vida, importante arrecadação para a Cáritas Internacional, destinada à compra de leite para as crianças famintas da África. Sempre teve o reconhecimento dos ex-alunos que, ao vê-la, a abraçavam cheios de entusiasmo e teciam elogios à sua bondade e paciência nos tempos idos do Tancredo do Amaral.

Faleceu no dia 21 de maio de 2010, aliás, no mês dedicado a Maria. E isso nos lembra suas mãos generosas segurando o rosário onde quer que estivesse. Tecia suas orações em forma de agradecimento pela vida e pela graça, pela família, pelo povo, pela cidade e proclamava pela paz universal. Enfim, Dona Antonietta sempre será lembrada pela sua simplicidade e testemunho de vida cristã, bem como pelos ideais de seguir os ensinamentos de Deus, promovendo a união da família e o amor ao próximo.

AUGUSTO GASPARINI FILHO é Bacharel em Direito, radialista e poeta, com gosto especial pelas trovas. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, titular da cadeira nº 12 – Patrono São Francisco de Assis. Contato com o autor pelo e-mail: gasparinifilho@fm90.com.br.

VIDA SEM CORRENTES

Rose Ferrari

*Homenagem a Eny Cezarino,
a cortesã mais famosa do Brasil*

No palco da vida, onde os holofotes raramente iluminam as verdadeiras protagonistas, surgiu Eny Cezarino, uma mulher que desafiou as normas, os costumes e as correntes invisíveis que aprisionam tantas almas femininas.

Nasceu como Emy, assim com “m” mesmo, em 23 de abril de 1917, na efervescente São Paulo do início do século 20. Desde cedo, mostrou que seu destino não seria ditado por convenções ou expectativas alheias. Ainda jovem, a menina que um dia se tornaria a cortesã mais famosa do Brasil demonstrava uma coragem e uma audácia raras e mantidas por toda sua vida.

Adolescente, fugiu de casa, trocando a segurança do lar pelas vibrantes e perigosas ruas da capital paulista. Trabalhou como prostituta em São Paulo, Porto Alegre e Paranaguá, antes de encontrar seu verdadeiro palco na Pensão Imperial, em Bauru. Foi lá que Eny começou a escrever sua própria história, uma crônica de coragem, determinação e, acima de tudo, liberdade.

Na década de 1940, a Pensão Imperial era um local modesto, mas, com seu olhar afiado para os negócios e sua

habilidade incomparável para entender os desejos humanos, Eny rapidamente transformou o lugar. Comprou o estabelecimento e o elevou a um novo patamar. Sua visão de empreendedora era clara: oferecer luxo, discrição e um serviço impecável. E assim, a Pensão Imperial transformou-se no bordel mais famoso e respeitado do País.

Nos anos 1950, a Casa de Eny tornou-se o epicentro dos desejos ocultos e das vontades inconfessáveis. Celebidades, políticos e homens de negócios atravessavam longas distâncias para experimentar o que lá se oferecia: não apenas prazer, mas uma fuga da rigidez moral que oprimia a sociedade da época. Com elegância e sabedoria, assumiu o papel de uma figura pública envolvente, uma mulher que comandava com graça e firmeza um império de prazeres.

Era um cenário digno de Hollywood, repleto de glamour e mistério. Em 15 mil metros quadrados de área, o bordel possuía 40 quartos, saunas, bares, salões de festas e uma piscina em formato de violão. Tudo meticulosamente administrado por ela. Em suas mãos, a arte de “cafetinar” parecia uma dança delicada entre o desejo e a discrição, entre o poder e a caridade.

As festas no local eram grandiosas, repletas de figuras proeminentes da sociedade brasileira. Lá, nas sombras, os segredos eram guardados a sete chaves, tanto que se tornou confidente, conselheira e, muitas vezes, uma amiga de seus clientes. “O maior atrativo era a discrição”, comenta Lucius de Mello, jornalista que escreveu o livro “Eny e o Grande Bordel Brasileiro” após dez anos de paciente pesquisa.

A dona daquela casa de tolerância era mestre em proteger seus frequentadores ilustres, oferecendo passagens

ENY
CEZARINO



Coleção familiar

secretas e estradas exclusivas de acesso. Isso envolve em dúvidas todos os nomes estrelados que passaram por lá. Entre as lendas, comenta-se que até Roberto Carlos chegou a fazer ao menos uma visita.

No hall de personagens notórios que teriam frequentado a casa está Jânio Quadros, por exemplo, numa visita rápida feita em 1982 para angariar apoio político, enquanto Vinícius de Moraes, levado por Toquinho, dispunha de uma senha especial para não ser incomodado: “Estou com a perna quebrada”. Já João Goulart, outro ex-presidente, também passara por lá, acompanhado de Ivete Vargas, que se dedicou a discutir o papel social das prostitutas numa sala de estar, enquanto Goulart aproveitava a companhia das meninas.

Eny era uma mulher influente, em parte graças à amizade com o deputado Nicola Avalone Júnior, que a apresentava a políticos e lhe oferecia proteção. Ao longo dos anos, muitas histórias sobre o prostíbulo e suas mulheres correram de boca em boca, transformando-se em lendas. Entre elas, dizia-se que Eny agia como uma embaixatriz da cidade, tamanho era seu poder político.

Ela administrava o negócio com profissionalismo, permitindo que as funcionárias estudassem e exigindo que se vestissem bem e caprichassem na aparência. Havia até um médico de confiança que cuidava da saúde das mulheres, inclusive em casos de gravidez indesejada.

Eny acumulou bens, mas sua verdadeira riqueza estava em sua ousadia e em seu coração generoso. Apesar do estigma de sua profissão, ajudou inúmeras pessoas. Enviava dinheiro para a família, criou filhos de prostitutas e doou alimentos e brinquedos para orfanatos. Era uma figura complexa, uma mulher que, apesar de navegar

em águas moralmente turvas, jamais perdeu o senso de humanidade.

A vida de Eny Cezarino foi marcada por altos e baixos, glórias e tragédias. No auge, possuía 26 imóveis e uma conta bancária bem abastecida, mas não soube lidar com as mudanças nos costumes sociais. A pílula anticoncepcional e a liberalização sexual levaram à decadência de seu negócio. Morreu pobre, em um hospital, aos 69 anos, em 24 de agosto de 1987. Mesmo em seus últimos dias, a essência da mulher que desafiou as convenções e viveu segundo suas próprias regras permaneceu intacta. “Está na hora de fechar. Nunca vi profissional perder para amador”, avaliou.

Ao olhar para sua vida, é impossível não se admirar com a força e a determinação. Ela não se deixou subjugar pelos padrões de crenças que colocam a mulher como subalterna. Viveu como quis, amou como quis e morreu como viveu: livre. Desafiou os papéis de gênero impostos pela sociedade de sua época, recusando-se a ser definida por normas que nunca a incluíram. Sua vida é um testemunho da capacidade de uma mulher de forjar seu próprio destino.

ROSE FERRARI é jornalista e empresária do ramo editorial. É pós-graduada em Português: Língua e Literatura e MBA em Gestão de Mídias Digitais. Desde 2013 é titular da cadeira nº 38 da Academia Saltense de Letras – Patrono Mário Quintana.

Em um mundo onde as histórias de mulheres muitas vezes ficam à margem, esta coletânea emerge como uma celebração das vozes femininas que desafiaram o comum e moldaram seus destinos com coragem, resiliência e uma inspiração sem limites. Produzida por 24 membros da Academia Saltense de Letras, homenageia figuras femininas cujas vidas transcendem o tempo e o espaço, ecoando em cada página a força de suas jornadas.

De empresárias visionárias a educadoras dedicadas; de jornalistas e poetisas a pioneiras na luta pela inclusão, estas mulheres simbolizam a força e a determinação que movem o mundo. São histórias de fé inabalável e de superação pessoal que transformaram dificuldades em sucesso.

"ELAS" não apenas preserva a memória dessas mulheres, mas também inspira futuras gerações a seguirem seus passos, mostrando que a verdadeira grandeza reside na capacidade de enfrentar adversidades com graça, de desafiar normas com convicção, e de viver com autenticidade, independentemente das circunstâncias.

